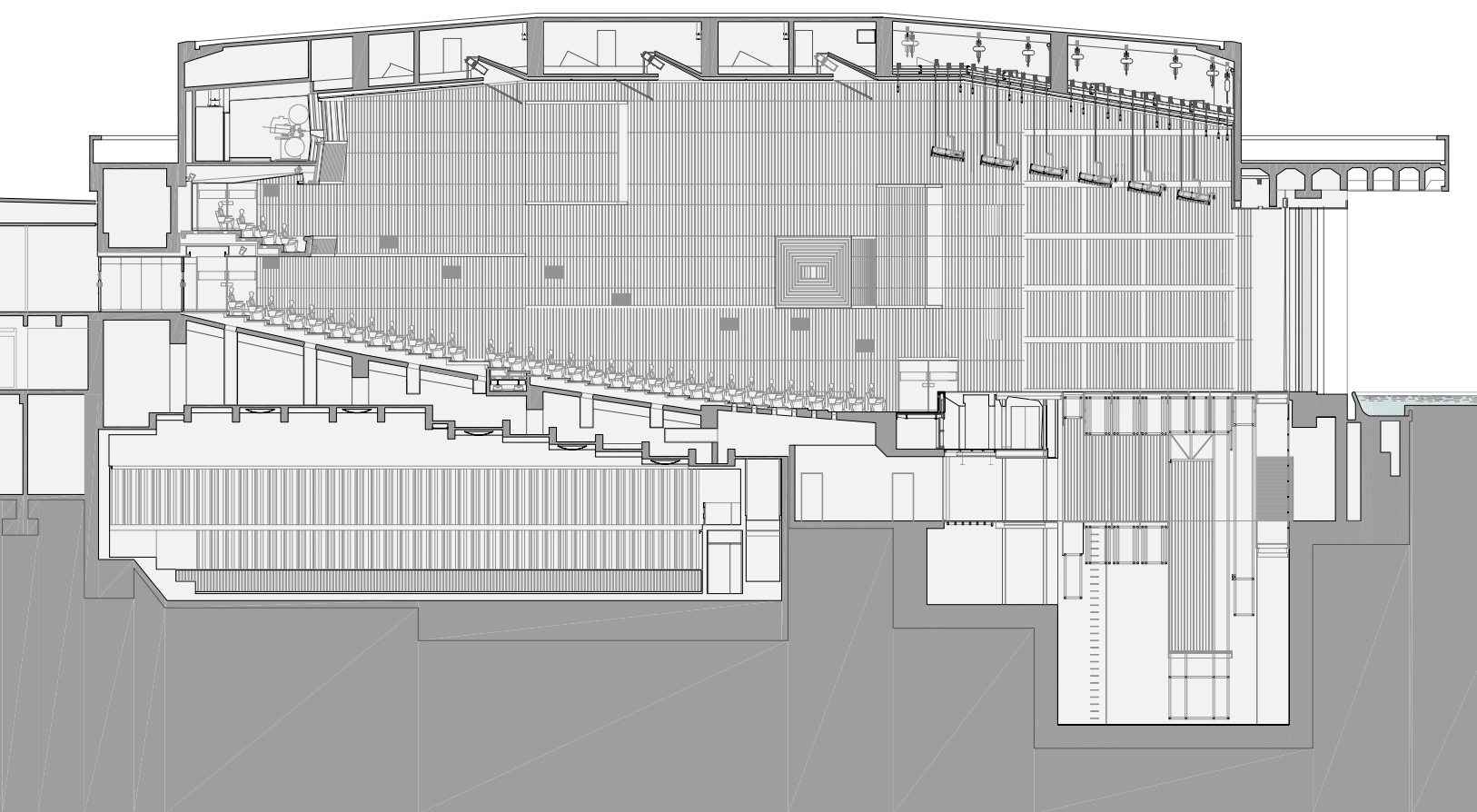




FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

NÚMERO 151  
FEVEREIRO 2014

# NEWSLETTER



**Um Auditório para o século XXI**



4

## Um Auditório para o século XXI

Ao fim de oito meses de obras, o Grande Auditório reabre as suas portas. Nesta Newsletter mostramos as mudanças e as novidades da nova sala, o programa da festa de reabertura no dia **15 de fevereiro**, mas também as opiniões de quem contactou com esta obra por dentro. Para a história deste momento ficarão também um livro, assinado pela professora Ana Tostões, e um filme de João Mário Grilo intitulado *Grande Auditório – Memorial de uma obra*.

11

## Novo concurso FAZ

Da música à reabilitação urbanística a custo zero, muitos são os projetos nascidos das ideias da diáspora portuguesa e que começam a dar frutos na nossa sociedade. Até **31 de março**, estão abertas as candidaturas para uma nova edição do Concurso Ideias de Origem Portuguesa e do Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa, que formam a iniciativa FAZ, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian e a COTEC Portugal com o objetivo de aproximar a diáspora portuguesa do seu país.



20

## Financiamento europeu para cientista IGC

Num momento em que os cientistas portugueses reclamam mais apoios à investigação, um cientista do Instituto Gulbenkian de Ciência, Lars Jansen, recebeu uma bolsa Consolidator, no valor de **1,6 milhões de euros**, do European Research Council. Jansen foi um dos quatro cientistas a trabalhar em Portugal distinguidos pelo instituto europeu.

*A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.*

**NEWSLETTER** NÚMERO 151.FEVEREIRO.2014 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais  
COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | **DESIGN** José Teófilo Duarte |  
Eva Monteiro | João Silva [DDLX] **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **IMAGEM DA CAPA** Alçado (corte) do Grande Auditório.  
Desenho de Arq. Teresa Nunes da Ponte | **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45,  
1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



João Tabarra, (...), 2001

28

## Novas exposições no CAM

A começar o ano, o CAM ultrapassa as suas paredes e expõe também no Jardim Gulbenkian. A primeira exposição antológica de Rui Chafes – *O Peso do Paraíso* – reúne mais de uma centena de esculturas em ferro na nave central do CAM e também em alguns pontos do Jardim. Outra das exposições que abrirá ao público no **dia 13** é *Narrativa Interior*, de João Tabarra. Esta é uma exposição antológica dos últimos vinte anos, que inclui algumas obras especificamente concebidas para o espaço. A terceira exposição a inaugurar é uma estreia em Portugal da artista tunisina, residente em Berlim, Nadia Kaabi-Linke.

32

## Tesouros do Kremlin no Museu Gulbenkian

No último dia de fevereiro abre ao público, na Sala de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian, a exposição *Os Czares e o Oriente*, com peças da sumptuosa coleção do Kremlin. É a primeira vez que o acervo oriental desta coleção, constituída fundamentalmente pelas luxuosas ofertas aos czares provenientes do Irão safávida e da Turquia otomana dos séculos XVI e XVII, é mostrado na Europa, fora de Moscovo.



Cortinado, Rússia, século XVII

34

## Novos poderes

Os protestos recentes no Rio de Janeiro e em Maputo abrem um novo ciclo de reflexões do Programa Gulbenkian Próximo Futuro, já no **dia 8**. Intitulado *Novos Poderes*, este ciclo quer discutir experiências históricas e atuais que contribuam para a inventariação de diferentes tipos de relações de poder.

## índice

### primeiro plano

4 **Um Auditório para o século XXI**

### notícias

10 **Para, escreve e filma**

11 **Iniciativa FAZ**

12 **Concursos 2014**

12 **Novo laboratório de investimento social**

13 **Uma Vida Melhor para os Refugiados**

13 **Programa Cidadania Ativa**

14 **CISA já é instituto público**

15 **Centro Cultural Português de Maputo vai ter núcleo de artes**

15 **Coleção de Investigação de Arte Africana Lusófona na Tate**

16 **Juntos em Lisboa para mostrarem os seus mundos**

18 **Museu Gulbenkian com novo site**

19 **Lida Abdul em Paris**

20 **Cientista do IGC recebe financiamento europeu**

20 **Bioinformática nas Escolas**

21 **As formigas obreiras e as rainhas**

21 **O que é doce...**

22 **breves**

**bolseiros gulbenkian**

24 **Margarida Castro**

**em fevereiro**

**música**

27 **O regresso a casa**

**exposições**

28 **Novas exposições no CAM**

32 **Museu Gulbenkian acolhe tesouros do Kremlin**

**conferências**

34 **Novos Poderes**

**cinema**

35 **Harvard na Gulbenkian**

36 **novas edições**

37 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

**Uma obra**

38 **Capa de Cavallo**



Aspetto geral das obras do Grande Auditório © Márcia Lessa

## Um Auditório para o século XXI

No dia 2 de junho passado, ainda sob a emoção dos acordes finais da ópera *Otello* de Giuseppe Verdi, logo após a saída do último espectador, as portas do Grande Auditório fecharam-se para se dar início a um projeto de obras de restauro e modernização que iria estender-se por cerca de oito meses.

A partir desse dia, a música deu lugar ao ruído e ao tumulto decorrente de uma intervenção profunda que iria transformar o Grande Auditório numa das mais modernas e tecnologicamente mais bem apetrechadas salas de espetáculos, no seu género, do mundo. O prazo estabelecido para esta empreitada, extremamente reduzido, tendo em conta a dimensão do projeto, obrigou a um meticuloso planeamento de todas as áreas e fases de intervenção, envolvendo uma vasta equipa dirigida por Celso Matias. A coordenação da equipa projetista esteve a cargo da arquiteta Teresa Nunes da Ponte.

A complexidade dos trabalhos tinha mesmo levado, no ano anterior, à criação, na estrutura orgânica da Fundação Gulbenkian, de um programa específico dedicado à renovação do Grande Auditório, assim como de uma Comissão

de Acompanhamento formada por Emílio Rui Vilar, Luís Valente de Oliveira e Ana Tostões.

As obras envolveram a sala de espetáculos, o palco, o subpalco, as salas de ensaios da orquestra e do coro, bem como todas as zonas de apoio técnico, que passam a dispor

*“Esta obra teve como vantagem algo que nem sempre encontramos nas obras que realizámos, que foi uma entreaajuda e um interesse mútuo das várias entidades, não só da Fundação Gulbenkian como dos projetistas, dos consultores. Percebeu-se claramente que só com o envolvimento total destas equipas é que isto poderia resultar de forma bem sucedida.”*

Nuno Fernandes, HCI (empreitada geral)

de novas estruturas e infraestruturas completamente adaptadas às atuais legislações europeias em matéria de segurança, qualidade e operacionalidade.

“Pretendeu-se atualizar o espaço através de um profundo restauro de todo o equipamento, de modo a melhorar as condições gerais da sala a todos os níveis, beneficiando os artistas, o corpo técnico e o público. Foram os aspetos técnicos que conduziram as operações”, declara a arquiteta e professora Ana Tostões, que acompanhou este processo desde a fase do planeamento e que escreveu um livro sobre a memória do Grande Auditório desde a sua conceção até à recente intervenção. “Quase cinquenta anos depois da construção do Grande Auditório, esta atualização era absolutamente inevitável. Aproveitou-se para intervir a fundo no espaço, não só para melhorar o seu funcionamento geral, como também para alargar o seu âmbito de atividades. Tecnologia de palco, luz, som, imagem, tudo foi renovado de acordo com os mais elevados padrões e requisitos técnicos da atualidade.” A arquiteta destaca ainda o curto espaço de tempo em que esta obra “corajosa” foi realizada.

#### **UMA OBRA INVISÍVEL**

Apesar da amplitude da intervenção, as mudanças introduzidas não serão facilmente detetadas pelo público. O bloco intervencionado, integrado num notável conjunto composto pelo edifício Sede e pelo Museu Gulbenkian, e classificado como Monumento Nacional em 2010, manteve-se fiel ao projeto original do trio de arquitetos Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy d’Athouguia.

As alterações introduzidas foram apenas as estritamente necessárias para reforçar a capacidade tecnológica, acústica e de segurança da sala. Todos os elementos da sala, desde a madeira das paredes à alcatifa e estofos das cadeiras (agora renovados), foram preservados de modo a respeitar a perfeita harmonia e a especificidade do espaço.

***“Gostaríamos de deixar para o futuro os mesmos indícios de qualidade nas instalações atualizadas e aumentadas, tal como os que encontramos no original. Isto é muito difícil de conseguir em tão pouco tempo.”***

Sam Wise, ARUP (consultoria técnica de cena)

“Este Auditório tem uma atmosfera única”, refere Ana Tostões, “é impossível imaginá-lo com o chão em madeira, sem as suas alcatifas e sem as suas cadeiras estofadas que lhe dão o conforto que todos conhecemos. Importava man-



Construção dos elevadores de palco © Mária Lessa

ter essa atmosfera.” Um visitante desprevenido que entre no Grande Auditório e encontre essa mesma atmosfera não imagina a profundidade desta intervenção que, na sua fase final, chegou a envolver mais de 200 pessoas a trabalhar, em simultâneo, dia e noite.

Um olhar mais atento permitirá, contudo, detetar algumas alterações, sendo a mais visível a realizada na grande estrutura sobre o palco, um dos elementos mais imponentes da sala, designada por “canópia”. Foi necessário remover essa estrutura, um monumental monobloco de quinze toneladas, substituindo-a por outra inspirada no modelo original, mas bastante mais leve, com cerca de quatro toneladas, capaz de assumir diferentes requisitos em função do programa apresentado. “Esta substituição era inevitável”, sublinha Ana Tostões. “A canópia interior era excessivamente pesada e nem sequer garantia uma luz adequada para iluminar as partituras dos músicos. A nova vai operar uma pequena revolução.”



Repavimentação da plateia © Márcia Lessa

## MUDANÇAS

Assim, para além de produzir melhoramentos acústicos, a nova canópia abre um vasto campo de novas possibilidades técnicas, tornando a sala mais versátil, perfeitamente adaptada a receber não apenas uma programação musical, mas também cinema, conferências ou teatro.

Foram introduzidas unidades individualizadas de ar condicionado, com repercussões do ponto de vista da eficiência energética, permitindo uma gestão em função das necessidades do momento. O ar condicionado passou a estar instalado sob as cadeiras com retorno no teto e a servir a zona do palco.

O sistema elétrico foi completamente renovado e introduzidos melhoramentos em todos os aspetos relativos à segurança contra riscos de incêndio. O espaço de circulação foi alargado e criados locais especialmente destinados a pessoas com mobilidade reduzida, com lugares para acompanhantes.

A geometria de palco foi mantida, respeitando o projeto original, mas o seu mecanismo foi completamente alterado. O equipamento do palco, bem como todos os mecanismos de elevação de cena foram remodelados e modernizados, e construídos mais elevadores para agilizar a montagem e desmontagem do palco.

Do ponto de vista acústico, foram feitas correções e ajustamentos tendo em vista também a adaptação do espaço a vários tipos de espetáculos. O desenho dos novos elementos foi o mais discreto possível, para não prejudicar a harmonia e a leitura das fachadas interiores.

*“O maior desafio foi a instalação de uma maquinaria de palco muito complexa e avançada tecnologicamente, no fosso e áticos existentes, subdimensionados para a instalação do equipamento exigido. Com os novos equipamentos, a quantidade de maquinaria de palco aumentou consideravelmente.”*

Gunther Weigelt, SBS (maquinaria de cena)



Construção de um troço da canópia © Márcia Lessa



Aspetto do novo Auditório em finais de janeiro © Márcia Lessa

A Orquestra passou a dispor de uma nova sala de ensaios, que, curiosamente, e de acordo com Ana Tostões, que consultou o arquivo do processo de construção do Grande Auditório para o seu livro, ficará exatamente no mesmo local previsto no projeto inicial, o qual acabara por ser atribuído à companhia de bailado, entretanto constituída. A sala do coro foi também completamente remodelada, passando a dispor de um espaço moderno, funcional e com melhores condições acústicas.

Finalmente, foi criado um novo *foyer* com bar, por cima do atual, ampliando o espaço de circulação e o serviço de cafetaria e beneficiando, assim, as condições de acolhimento do público.

A memória do Grande Auditório, desde a sua construção até à intervenção agora realizada, que Ana Tostões está a



Aspetto geral do novo foyer

***“O grande desafio da renovação, considerado o que, em síntese, se poderá designar como ‘qualidade superior do espaço’, consistiu, obviamente, em tentar conceber e dimensionar as disposições que, permitindo melhorar aquilo que seja entendido como conveniente, não tenham ‘efeitos colaterais’ negativos.”***

Pedro Martins da Silva, Acústica e Ambiente, Lda.

preparar será condensada numa publicação de cerca de 100 páginas. Nela se enquadra o edifício no seu conjunto e na arquitetura moderna da época, debruçando-se sobre o seu complexo processo de construção até à sua conclusão, em 1969. Na segunda parte, dá a conhecer o projeto de renovação, com fotos que foram registando as várias fases das obras que converteram o Grande Auditório numa sala do século XXI, capaz de acolher uma programação exigente e diversificada.

# A festa da reabertura

*No dia 15, o Grande Auditório abre as suas portas ao público com uma programação especial. Concertos, filmes, encontros com músicos, uma exposição de fotografias e um filme sobre o Grande Auditório, serão os pontos altos da Festa.*

*Para além da atuação da Orquestra Gulbenkian reforçada com os participantes do Estágio Gulbenkian para Orquestra, dirigidos pela maestrina Joana Carneiro, serão várias as iniciativas de entrada livre ao longo do dia. Para cada atividade dentro do Auditório será necessário o levantamento de bilhetes gratuitos (2 por pessoa), a partir das 10h deste dia, na bilheteira da Sede da Fundação. Em todos os outros espaços, a circulação será livre.*

## Um filme sobre o Grande Auditório

Nos últimos meses, uma equipa de cinema, liderada pelo realizador João Mário Grilo, filmou as obras e o espaço do Grande Auditório. O registo cinematográfico desta intervenção será mostrado no dia 15, no Auditório 3, e a partir de dia 16 na Galeria de Exposições Temporárias, dentro da exposição *Acesso Interdito*.

### **GRANDE AUDITÓRIO – MEMORIAL DE UMA OBRA**

Olhar para uma obra da dimensão do Grande Auditório, através do cinema, foi para o realizador uma forma de criar um “ponto de contacto” entre várias realidades: a de hoje, a das pessoas que o frequentam e podem vir a frequentar no futuro, mas também a que foi anteriormente e que tornou possível a sua existência no presente, nas suas várias dimensões.

O filme intitula-se *Grande Auditório – Memorial de uma obra* com tudo o que remete para a parte memorável que esta obra tem e que o cinema como “lugar de encontros” pode criar. Nas palavras do realizador, este filme “é um pouco a possibilidade de viajar no tempo e também no espaço”, porque a obra não é apenas o início e o fim, mas também o “que se passa durante”, já que, ao longo dela, “o auditório foi sendo coisas diferentes, todas elas interessantes por si”.

### **UMA OBRA HUMANA**

Neste filme, os protagonistas são os “agentes da própria obra”, os operários que desde junho trabalharam intensamente para que ela se concretizasse. João Mário Grilo fala da relação de autenticidade do cinema ao colocar a câmara dentro da obra e mostrar o “trabalho das pessoas que trabalharam no filme e das pessoas que trabalharam na própria obra, que tiveram de nos acolher porque somos mais uma equipa em trabalho de equipas”. O realizador mostra



*Grande Auditório – Memorial de uma obra, de João Mário Grilo*

assim “uma obra humana que põe em contacto uma instituição, um espaço que tem dentro dessa instituição uma finalidade específica e, depois, todas as surpresas que surgem na adequação entre o projeto e a sua própria realidade”.

O filme é o retrato dessa experiência humana, de pessoas que estiveram neste espaço durante meses e que se calhar não voltarão mais e de outras que virão, mas nunca conhecerão o espaço como os trabalhadores o conheceram. Diz João Mário Grilo: “Isto alimenta muito a poética do filme e também aquilo que me parece ser mais essencial no cinema que é essa noção de convívio entre o que foi, o que é e aquilo que eventualmente poderá vir a ser, e entre realidades e naturezas, portanto entre o espetador e o ator ou a figura que passa no ecrã, que se encontram num determinado momento numa emoção que é comum.”

### **SINFONIA CONCRETA**

Outra dimensão importante no filme é o som. Espaço de excelência para o som, onde se continuarão a ouvir grandes concertos, o Grande Auditório em obras é uma “sinfonia concreta”, não só, como diz o realizador, “pela natureza dos sons que a obra cria, mas também pelo modo como esses sons se repercutem num espaço que está destinado à acústica”.



O filme restitui a “multiplicidade da natureza pura de cada um dos sons da obra”, que dentro do auditório têm uma natureza completamente diferente.

## **Acesso Interdito** **Uma exposição de fotografia**

Uma mostra documental, mas também a perspectiva diferente de duas fotógrafas que olharam para o Grande Auditório. Em cerca de centena e meia de fotografias, **Ana Gaiaz** e **Márcia Lessa** mostram espaços e momentos invisíveis aos olhos do público.

Bastidores, ensaios, zonas reservadas, a presença humana na obra, mas também a transformação do espaço ao longo destes meses. Uma narrativa visual, no espaço e no tempo, que conta a renovação e desvenda imagens captadas longe dos olhares públicos.

Para ver até dia **2 de março**, na Sala de Exposições Temporárias da Fundação. ■



Fotografia de Ana Gaiaz

### **programa do dia** 15 fevereiro, sábado

#### **Grande Auditório – Memorial de uma obra**

Um filme de João Mário Grilo

Auditório 3, a partir das 14h, projeção contínua

#### **Acesso interdito**

Exposição de fotografia de Ana Gaiaz e Márcia Lessa

Sala de Exposições Temporárias da Sede, piso -1

#### **Encontros com músicos**

Foyer, ao longo do dia

#### **Grande Auditório**

**14h**

**Elektra** (filme / ópera | 2013, 113 min.)

**Richard Strauss** (música)

**Hugo von Hofmannsthal** (libreto)

**Esa-Pekka Salonen** (direção musical)

**Patrice Chéreau** (encenação)

Com a participação do **Coro Gulbenkian** e da **Orchestre de Paris**.

Entrada livre sujeita à lotação da sala.

Bilhetes disponíveis para cada sessão no próprio dia, a partir das 10h, na bilheteira da Sede.

Limite de 2 bilhetes por pessoa, sem lugar marcado.

Após cada atividade, o público terá de abandonar a sala.

**17h**

**Orquestra XXI** (vencedora da 2.ª edição do concurso FAZ-Ideias de Origem Portuguesa, 2013)

**Dinis Sousa** maestro

**Gustav Mahler**, Sinfonia n.º1

(versão de câmara de Iain Farrington, 55 min.)

**19h**

**Vem cantar Gershwin**

**Coro Gulbenkian**

**Jorge Matta** (maestro), **Marta Hugon** (voz), **Patrycja Gabrel** (voz), **Pedro Moreira** (sax tenor), **João Moreira** (trompete), **Óscar Graça** (piano), **Nelson Cascais** (contrabaixo), **Bruno Pedroso** (bateria)

**21h**

**Orquestra Gulbenkian**

**Joana Carneiro** maestrina

músicos do **Estágio Gulbenkian para Orquestra**

**Richard Strauss** – *Assim falava Zaratustra*, op. 30

**Hector Berlioz** – *Sinfonia Fantástica*, op. 14

**23h30**

**2001: Uma Odisseia no Espaço** (1968, 160 min.)

Filme de Stanley Kubrick. Cópia digital e remasterizada.



Operação Stop © Venda-se Filmes

## Para, escreve e filma

*No meio da correria entre salas de aula, o projeto Operação Stop propôs a alunos e professores que parassem um momento para pensar e realizar documentários que refletissem sobre a realidade escolar. O resultado deste projeto, que envolveu várias escolas secundárias do país, pode ser visto no dia 5 de março, no Auditório 3 da Fundação, numa sessão aberta a todos os interessados.*

**C**arga horária elevada, falta de sal na comida, disposição das mesas e cadeiras nas salas de aula, são alguns dos problemas genéricos da escola, apontados nos vídeos realizados por alunos do ensino secundário, onde também se reclama por livre acesso à internet, mais árvores que deem sombra e mais cor na escola, entre outras reivindicações.

Os filmes são fruto do projeto Operação Stop, dirigido a alunos do 10.º ano a quem foi lançado o repto para que pensassem sobre “o que anda bem e o que anda mal na escola” e depois fizessem um curto documentário sobre isso.

Em cada escola envolvida, o projeto traduziu-se numa oficina de vídeo com duração de uma semana. Dezenas de alunos participaram em todas as etapas da produção do documentário: escrita do guião, *storyboard*, escolha e preparação de cenários, condução de entrevistas, textos, filmagem e edição.

A seleção de situações, enquadramentos, o que se integrou e o que se excluiu, a forma de encadear os planos e construir o discurso sobre a realidade, foram opções dos alunos que lhes permitiram perceber que num documentário tudo se pode fabricar como representação da realidade, de acordo com as intenções do realizador. “Saber ler a imagem – conhecendo os seus mecanismos de produção, manipulação e construção

de sentido – deve ocupar um lugar importante nas estratégias de aprendizagem, à semelhança do que acontece com a palavra e a língua”, acreditam os promotores do projeto Operação Stop, lançado pelo DESCOBRIR – Programa Gulbenkian para a Educação e Ciência.

Nas escolas, as oficinas de vídeo foram orientadas por Filipa Reis e João Miller Guerra, realizadores dos documentários premiados *Li Ké Terra* e *Bela Vista*, e também pela atriz e encenadora Maria Gil, que também fez parte da equipa do DEZ x DEZ, outro projeto do DESCOBRIR desenvolvido em escolas secundárias, cujo objetivo é criar estratégias e metodologias que facilitem o envolvimento e a participação dos alunos em contexto de sala de aula.

No projeto Operação Stop os resultados obtidos em cada escola foram muito diferentes e é essa diversidade de olhares que vai estar no centro do debate que se seguirá à apresentação dos filmes, **no dia 5 de março**. Este projeto foi desenvolvido em parceria com as Câmaras Municipais de Mondim de Basto, Óbidos, Paredes e Vila Nova da Barquinha e com as escolas Agrupamento Vertical de Escolas de Mondim de Basto, Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos, Escola Secundária de Vilela e Agrupamento de Escolas de Vila Nova da Barquinha. ■

# Iniciativa FAZ candidaturas até 31 de março

**E**stão abertas as candidaturas para uma nova edição do Concurso Ideias de Origem Portuguesa e do Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa, que formam a iniciativa FAZ, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian e a COTEC Portugal com o objetivo de aproximar a diáspora portuguesa do seu país. Os interessados podem submeter **candidaturas até 31 de março** em: [www.ideiasdeorigemportuguesa.org](http://www.ideiasdeorigemportuguesa.org) e [www.cotec.pt/diaspora](http://www.cotec.pt/diaspora).

## IDEIAS DE ORIGEM PORTUGUESA

O objetivo deste concurso é encontrar projetos de empreendedorismo social que façam a diferença nas áreas de Ambiente e Sustentabilidade, do Diálogo Intercultural, do Envelhecimento e da Inclusão Social. Para participar é necessário constituir uma equipa que **integre um português ou lusodescendente residente no estrangeiro** e submeter **um vídeo ilustrativo da ideia proposta**.

Criado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2010 para usar a experiência, o talento e o dinamismo dos emigrantes portugueses em benefício do seu país de origem, o concurso Ideias de Origem Portuguesa registou grande adesão nas edições anteriores, com um total de 278 ideias provenientes de mais de 30 países dos cinco continentes. Na primeira edição, a ideia vencedora foi Requalificação a Custo Zero, que se materializou no projeto Arrebita!Porto, atualmente a trabalhar na reabilitação de um edifício devoluto na Ribeira do Porto.

Na segunda edição, foram premiados três projetos: Orquestra XXI, que reúne músicos portugueses espalhados pelas melhores orquestras do Mundo para tocar com regularidade em Portugal; Fruta Feia (na foto), projeto de combate ao desperdício alimentar, que criou uma cooperativa de consumo para distribuir fruta e legumes que não são vendidos apenas por razões estéticas; e Rés do Chão, projeto que dinamiza os pisos térreos de edifícios desocupados, aproveitando esses espaços para promover indústrias criativas locais.



## PRÉMIO EMPREENDEDORISMO INOVADOR NA DIÁSPORA PORTUGUESA

O objetivo deste prémio é distinguir os portugueses que, pela sua ação empreendedora e inovadora, se notabilizaram fora de Portugal nas suas respetivas atividades empresariais, mas também a nível social ou cultural.

Promovido pela COTEC Portugal desde 2007, e contando com o alto patrocínio do Presidente da República, este Prémio tem contribuído para fortalecer a ligação dos portugueses ao seu país de origem, mas também tem permitido reforçar a imagem e prestígio de Portugal no estrangeiro. Pretende-se ainda que tenha reflexos na internacionalização da economia e na atração de investimento, mas também na valorização da língua e da cultura nacionais.

O Prémio Diáspora já deu a conhecer, ao longo destes sete anos, importantes personalidades que se afirmaram nos meios empresariais, sociais e políticos, em sociedades de acolhimento da mais elevada exigência, como a Austrália, os EUA ou a França. Na última edição, Mapril Baptista foi o vencedor do Prémio e Teresa Lundahl foi distinguida com uma menção honrosa.

Mapril Baptista emigrou aos seis anos para França, onde é atualmente proprietário da marca Les Dauphins, líder em venda de ambulâncias, com cerca de 98 por cento de quota de mercado na Île-de-France e 50 por cento em todo o país. Teresa Lundahl vive na Suécia, onde fundou a Mateus Stock AB, uma empresa que combina *design* moderno com artesanato tradicional português, através da produção de peças de cerâmica exclusivas e produzidas à mão em Portugal.

A última edição deste prémio reuniu até agora o número recorde de candidaturas: 155. No último ano destacou-se a participação inédita de candidatos da Índia, Malásia, República Checa e Venezuela. Os países que têm uma forte participação das comunidades portuguesas neste prémio são: EUA (30), França (23) e Brasil (17). ■

**Mais informações:** [www.faz.com.pt](http://www.faz.com.pt)

# Concursos 2014

## **INOVAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR**

Encerram a **13 de fevereiro** as candidaturas ao concurso para apoio a iniciativas inovadoras e que contribuam para o desenvolvimento de instituições do Ensino Superior.

Este concurso destina-se a projetos que apostem na modernização destas instituições e na melhoria do ensino e aprendizagem neste nível de ensino.

## **ACERVOS DOCUMENTAIS**

Decorre até **20 de fevereiro** o concurso para projetos de recuperação, tratamento e organização de acervos documentais com relevante interesse histórico, cultural e científico. O apoio a conceder pela Fundação Calouste Gulbenkian poderá financiar a totalidade dos projetos ou participar nas despesas de projetos que sejam financiados por outras entidades, designadamente no âmbito de fundos comunitários

## **ATIVIDADES CULTURAIS E CIENTÍFICAS CIRCUM-ESCOLARES**

Até **27 de fevereiro** está aberto o concurso para apoio a atividades culturais, científicas e artísticas extracurriculares,

promovidas por estudantes ou a eles destinadas, em especial os do ensino superior.

## **EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Até dia **6 de março** está aberto o concurso para apoio a atividades e ações inovadoras que promovam a educação, designadamente no âmbito da intervenção precoce, reabilitação e integração escolar e social das crianças e jovens com necessidades educativas especiais.

A iniciativa destina-se a projetos que promovam a inclusão escolar e social, bem como a aquisição de equipamentos para melhoria da qualidade do atendimento e da aprendizagem das crianças e jovens.

Os concursos são uma iniciativa do Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações e podem ser consultados em [www.gulbenkian.pt/apoios](http://www.gulbenkian.pt/apoios).

Todas as candidaturas devem ser entregues *online*, e de acordo com o regulamento disponível. ■

# Novo laboratório de investimento social

No dia 27, pelas 17h30, é apresentado o novo laboratório de investimento social, uma iniciativa criada com o apoio da Fundação Gulbenkian com o objetivo de se estabelecer como uma unidade de investigação aplicada de excelência no Investimento Social, área emergente no âmbito da Inovação e Empreendedorismo Social.

Até agora, não existia nenhum centro similar em países de língua portuguesa. O laboratório será promovido pelo Instituto de Empreendedorismo Social (IES) em parceria com a Social Finance UK, instituição de referência internacional no sector. Esta parceria permitirá a transferência para o laboratório de um conjunto alargado de competências e conhecimentos sobre investimento social e a sua adaptação ao contexto nacional.

O laboratório contará com a supervisão científica de Filipe Santos (INSEAD), e procurará colaborar com universidades portuguesas, para apoiar a disseminação e formação neste sector. ■

## **Programa**

### **Abertura**

Artur Santos Silva – presidente da FCG  
Pedro Mota Soares – ministro da Solidariedade, Emprego e Segurança Social

### **O mercado global de investimento social**

David Blood – Generation Investment Management

### **Mesa-redonda: Das ideias à ação – Como criar um mercado de investimento social?**

Filipe Santos – INSEAD  
Jane Newman – Social Finance UK  
Maximilian Martin – Impact Economy e G8 Social Investment Taskforce



## Uma Vida Melhor para os Refugiados

**A**lertar para a situação atual dos refugiados e apoiar o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) na resposta a um dos maiores problemas dos campos de refugiados - a falta de iluminação -, é o objetivo da iniciativa conjunta entre a IKEA Foundation, o ACNUR e a Fundação Calouste Gulbenkian.

A iniciativa Uma Vida Melhor para os Refugiados irá decorrer entre 3 de fevereiro e 29 de março. Durante esse período, por cada lâmpada LED vendida em qualquer loja IKEA a nível global, a IKEA Foundation doa 1 euro ao ACNUR para iluminar campos de refugiados na Jordânia, Sudão, Bangladesh, Chade e Etiópia, tornando-os num lugar mais humano e seguro para as muitas famílias que neles vivem.

Na apresentação realizada a 23 de janeiro na Fundação, que contou com a presença de representantes da Fundação Gulbenkian, IKEA Foundation, ACNUR e do Conselho Português para os Refugiados, ficou claro que a presença de iluminação sustentável nos campos tem um enorme impacto na vida dos refugiados – reduz os riscos de crime ou violência sexual e de género e possibilita que rapazes e raparigas possam estudar à noite, melhorando os resultados escolares.

No Jardim da Fundação estará exposta, até 12 de fevereiro, uma tenda real do ACNUR (na foto) na qual se pode experienciar a escuridão com que os 10,5 milhões de refugiados em todo o mundo (cerca de metade são crianças) se debatem diariamente. ■

## Projetos Cidadania Ativa

**O** Programa Cidadania Ativa, gerido pela Fundação Gulbenkian e que se dedica ao fortalecimento da sociedade civil portuguesa, aprovou o apoio a 23 grandes projetos de organizações não governamentais (ONG), com um total de 2,4 milhões de euros. Além dos promotores, estão envolvidas 48 entidades parceiras, nacionais e dos países doadores.

Os projetos abrangem os três domínios de atuação do Programa Cidadania Ativa, que conta com fundos da Islândia, Liechtenstein e Noruega.

Assim, nove dos 23 projetos aprovados dizem respeito à promoção dos valores democráticos, incluindo a defesa dos Direitos Humanos, dos direitos das minorias e da luta contra as discriminações.

Outros nove projetos centram-se em ações de capacitação das ONG envolvidas, nomeadamente através de ações de formação; do alargamento do leque de serviços prestados;

do fomento da boa governação e da transparência; e da promoção da igualdade de género.

Os restantes cinco projetos serão destinados a promover o estabelecimento de parcerias entre ONG e entidades públicas, designadamente para provisão de serviços de proximidade. A execução de um outro conjunto já aprovado de 31 projetos, de menor dimensão, teve início em novembro. Com estes projetos, os apoios aprovados no âmbito dos concursos de 2013 totalizam cerca de três milhões de euros.

O Programa vai ser reforçado em 2,7 milhões de euros, correspondente a 50 por cento da sua dotação inicial, e muito brevemente será anunciado um quarto domínio de atuação, dirigido à empregabilidade e inclusão social dos jovens. Em março, serão lançados concursos no valor de cerca de 4,5 milhões de euros, sendo os apoios a conceder concentrados neste novo domínio de atuação. ■

Mais informações em [www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt](http://www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt)



## CISA já é instituto público

Cerca de sete anos após a assinatura do protocolo entre o Governo de Angola, o Governo português e a Fundação Calouste Gulbenkian, para o lançamento do Projeto CISA – Centro de Investigação em Saúde de Angola, o Centro passa a ser instituto público. De acordo com a lei orgânica do Ministério da Saúde de Angola, o CISA tem agora autonomia administrativa e financeira e é considerado de âmbito nacional. Para Isabel Mota, administradora da Fundação Calouste Gulbenkian, “a criação legal do CISA não só reconhece o percurso feito, como demonstra a importância que o Governo angolano atribui a este projeto”.

Criado em 2007 na cidade do Caxito, 60 quilómetros a norte de Luanda, o projeto CISA tem realizado um trabalho que cobre três domínios: a investigação, a formação e o reforço assistencial. Desde a sua génese, o objetivo tem sido potenciar a participação de Angola na área da investigação em saúde e, com os resultados obtidos, melhorar as condições de saúde das populações, em particular no Dande, município onde o CISA está sediado.

“O trabalho que o CISA tem realizado ao longo dos últimos anos, ao nível do reforço da qualidade da prestação de serviços de saúde, da qualificação dos recursos humanos, do número de projetos de investigação desenvolvidos, dos artigos científicos publicados em revistas internacionais e da participação em conferências internacionais, revela que se percorreu já um caminho para a criação de um centro de investigação de referência internacional”, diz a responsável da Fundação Isabel Mota.

Em 2014, os projetos em parceria do CISA estendem-se a instituições internacionais como o Museu de História Natural de Londres, a Liverpool School of Tropical Medicine e a University of South Florida, com o apoio da Bill&Melinda Gates Foundation.

A Fundação Calouste Gulbenkian, que assumiu desde o início, por acordo das partes, o papel de gestor do projeto, mantém-se disponível para continuar a prestar a sua colaboração em prol da consolidação e afirmação do CISA na comunidade internacional. ■

[www.cisacaxito.org](http://www.cisacaxito.org)



## Centro Cultural Português de Maputo vai ter núcleo de artes

Um acervo bibliográfico constituído por publicações especializadas em arte, com uma forte componente africana, vai ser criado na biblioteca do Centro Cultural Português em Maputo, com o apoio da Fundação Gulbenkian. Além do acervo e da sua atualização durante dois anos, o projeto inclui o reforço de meios informáticos e de gestão documental e a formação de recursos humanos. Este novo núcleo de artes será de grande utilidade para estudantes, curadores e críticos de arte que, como refere a diretora de Cultura da Universidade Eduardo Mondlane, “começam a surgir e poderão beneficiar deste importante projeto”. Para Alda Costa, “o meio artístico de Maputo é



Ana Paula Laborinho (Camões), Isabel Mota (FCG), José Augusto Duarte (Embaixador de Portugal em Moçambique), Artur Santos Silva (FCG) © Mária Lessa

carente de publicações especializadas, de informação atualizada sobre o mundo da arte, de possibilidades de ver arte através de uma biblioteca bem apetrechada”. O protocolo de parceria com o Camões-Instituto da Cooperação e da Língua foi assinado a 9 de janeiro, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Este apoio, concedido através do Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento, segue-se a outros já atribuídos em Moçambique, nomeadamente ao Núcleo de Arte de Maputo, à Escola de Artes Visuais de Maputo, à Companhia Nacional de Canto e Dança e, recentemente, à CulturArte – Centro de Dança Contemporânea. ■

## Coleção de Investigação de Arte Africana Lusófona na Tate

Este mês é lançada a Coleção de Investigação de Arte Africana Lusófona na Biblioteca e Arquivos da Tate, em Londres, coleção que poderá tornar-se uma importante plataforma internacional de exposição da arte de países africanos lusófonos, e a base para uma futura coleção de investigação de arte pan-africana.

A coleção dá continuidade ao projeto Arquivo de Arte Portuguesa na Tate, financiado em 2011 pelo UK Branch, a delegação no Reino Unido da Fundação Gulbenkian. Esta foi a primeira colaboração da Fundação com aquela instituição britânica, e envolveu a Biblioteca de Arte, em Lisboa. No total, mais de meio milhão de publicações foi acrescentado aos catálogos da Tate, permitindo aos investigadores e

ao público em geral no Reino Unido um maior acesso a fontes documentais relacionadas com artistas visuais portugueses.

A nova coleção de investigação de arte africana lusófona baseia-se ainda no projeto ArtAfrica, criado em 2001 pela Fundação e gerido atualmente pelo Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Também pelo facto de existirem recursos limitados no que toca à arte de países africanos lusófonos, a constituição desta coleção envolveu a ida de um curador português – Miguel Amado – a países como Moçambique e Angola, com o objetivo de colecionar, ou criar, documentação sobre arte proveniente destes países. ■



Silvia Salgueiro e Cátia Leitão © Mária Lessa

## Juntos em Lisboa para mostrarem os seus mundos

*Quinze bolseiros Gulbenkian, ligados às artes plásticas e performativas, juntaram-se para partilhar ideias sobre as suas experiências de estudo no estrangeiro. Um encontro no qual os jovens portugueses mostraram os seus projetos e comprovaram as mais-valias de uma passagem por novos mundos.*

**N**o dia 20 de dezembro marcaram presença na sede da Fundação, em Lisboa, estudantes de cinema, dança, teatro e artes plásticas; uns dedicados inteiramente a uma destas áreas, outros a aventurarem-se por várias em simultâneo, mas todos a trabalhar para criar uma identidade forte e para deixar uma marca. Todos portugueses, todos a estudar no estrangeiro para abrir horizontes – Nova Iorque, Belfast, Paris, Londres, São Francisco e Rio de Janeiro, são alguns dos destinos que os receberam, graças ao apoio da Fundação Gulbenkian. “O objetivo é valorizar cada um de vocês”, foi assim que o administrador Eduardo Marçal Grilo se dirigiu aos bolseiros que estavam presentes na Sede da

Fundação. Marçal Grilo insistiu na importância das áreas ali representadas e da presença da “inovação, criatividade e exigência” no trabalho de todos, mostrando-se ao mesmo tempo satisfeito com os relatos que se foram ouvindo ao longo do dia.

A diversidade foi o que mais sobressaiu deste encontro. Na área do cinema, André Miranda falou da sua experiência enquanto estudante de bandas sonoras para filmes na New York University, onde chega mesmo a ter acesso a uma orquestra para musicar trechos de filmes. Silvia Salgueiro, mais conhecida como Silvia das Fadas, apresentou a sua preferência pelo cinema analógico, contrariando a tendên-





Joana Lima Martins, Ico Costa e Aya Koretzky © Márcia Lessa

cia digital cada vez mais presente na sétima arte. As histórias foram-se sucedendo, e nenhuma experiência relatada foi igual a outra. Aya Koretzky apresentou o seu caminho no cinema, a que chama “autoensaio”. Foram exibidos excertos de filmes de Joana Lima Martins e de Ico Costa, estudantes na San Francisco State University e em Le Fresnoy, respetivamente; e seguimos os passos de João Pedro Caldeano, que trabalhou na produção de vários filmes, como *007: Skyfall*, entre muitos outros.

No Teatro e na Dança, destaque para os testemunhos de Luís Carolino e Cátia Leitão. Luís Carolino frequenta um mestrado de ensino vocacionado para a dança na Steinhardt School, em Nova Iorque, onde está há seis meses, e sublinha a inovação nos métodos de ensino que lhe têm sido apre-

sentados e aos quais não teria acesso em Portugal. Cátia Leitão esteve no Rio de Janeiro para tirar uma especialização em arte contemporânea e encontrou uma cidade com “todo um novo paradigma político, económico e mesmo afetivo”, relacionado com a chegada do mundial de futebol e dos jogos olímpicos e que a levou a descobrir novos caminhos nos seus estudos.

Por fim, houve espaço para as artes visuais. Mais uma vez a diversidade foi rainha, desde os trabalhos com vidro de Pedro Palma, às instalações de Inês Teles, passando pelo complexo mundo de Ricardo Jacinto, onde música, artes plásticas e tecnologia se cruzam para criar experiências únicas e diferentes de perceção auditiva. ■

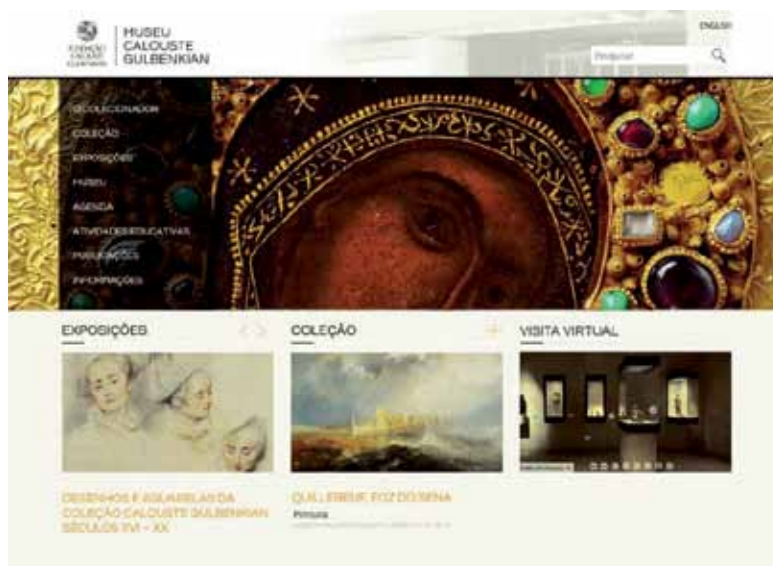


Inês Teles, 'Shaped images' (2013)



Pedro Palma, Espaço-Tempo (2013)

# Museu Gulbenkian com novo site



*O Museu Gulbenkian apresenta um novo website. É um encontro entre a arte clássica e as novas tecnologias, num espaço aberto para o mundo e em diálogo com os seus visitantes.*

Já lá vão 13 anos desde que foi criado o [www.museu.gulbenkian.pt](http://www.museu.gulbenkian.pt). O projeto inicial era ambicioso, mas o passar dos anos e a constante evolução tecnológica levaram a direção do Museu a repensar a sua postura *online*, de acordo com as possibilidades e as exigências atuais. Neste início de 2014, o Museu abre as suas portas ao visitante “virtual” com uma nova imagem, novas aplicações, novos conteúdos e, acima de tudo, uma nova noção daquela que deve ser a sua postura no ciberespaço.

“Estamos noutra universos, em que as pessoas têm uma relação com o mundo digital que não existia há treze anos”, conta Nuno Vassallo e Silva, diretor-adjunto do Museu, enquanto fala sobre as novas características do *site*. Com isso em mente, a abordagem mudou completamente – o *site* deixa de ser um espaço meramente informativo, para passar a ser uma experiência partilhada entre o Museu e o visitante. Nas palavras de João Carvalho Dias, do Museu Gulbenkian, “é um espaço muito mais flexível, mais aberto, virado para o visitante virtual”.

As mudanças passaram pelo *design* – mais apropriado aos tempos de hoje e em sintonia com a imagem global da Fundação – e por outras áreas, como a presença de uma agenda ou a possibilidade de se fazer uma visita virtual ao Museu. Esta é uma das inovações deste novo espaço onde qualquer pessoa, em qualquer altura, pode visitar uma exposição a partir do seu computador ou dispositivo móvel. “A visita virtual permite contextualizar as peças no espaço do

museu, o que é muito importante”, explica João Carvalho Dias. Para além disto, toda a coleção do Museu Gulbenkian irá estar presente para consulta, assim como edições virtuais das publicações do Museu, acesso à sua base de dados e novos conteúdos sobre as exposições, como vídeos com comentários dos curadores ou de especialistas sobre a matéria. Nem todos estes projetos estarão ativos logo de início, mas irão sendo construídos gradualmente.

Com tanta informação disponível *online*, poderia ficar a ideia de que o espaço físico perde o seu sentido, mas não. “Sem a coleção física, nada disto teria razão de ser”, diz Nuno Vassallo e Silva, lembrando que o objetivo continua a ser o de trazer mais público ao Museu, criando uma relação mais direta com o público. Tudo num espaço mais educativo e com várias hipóteses de pesquisa, desde informação para quem quer saber apenas aspetos gerais até aos pormenores sobre várias peças. Existe também uma nova preocupação na comunicação com o público, já que a ligação é mais direta e permite aos utilizadores um diálogo mais rápido com o Museu.

Neste novo *site* pode encontrar vários filmes e visitas à coleção. Um dos filmes disponíveis para ver é o registo feito pelo realizador João Mário Grilo da exposição *O Brilho das Cidades. A rota do Azulejo*. Um olhar cinematográfico sobre uma das exposições de 2013, que terminou no final do mês passado. ■

[www.museu.gulbenkian.pt](http://www.museu.gulbenkian.pt)

# Lida Abdul em Paris

**A** comovente exposição que a artista afegã Lida Abdul apresentou no Centro de Arte Moderna, há precisamente um ano, pode agora ser vista em Paris, na delegação da Fundação Gulbenkian em França.

Autora de uma obra singular que remete invariavelmente para o contexto de uma guerra que se arrasta há décadas no seu país natal, a artista, nascida em Cabul e a residir atualmente nos Estados Unidos, mostra as feridas de uma terra devastada e em ruínas. Com uma poética muito própria e sem recorrer a imagens explícitas de combate, as suas fotos e vídeos procuram transformar as ruínas em relíquias únicas, que ganham vida através de ações performativas insólitas. É o caso de *In Transit*, uma intervenção em torno de um avião soviético abandonado e esburacado, ou de *White House*, vídeo em que Lida Abdul pinta de branco uma casa destruída nos arredores da capital afegã. São situações encenadas que remetem para o poder do documentário, porque a paisagem destruída pela guerra é aterradoramente real.



Lida Abdul, *Abdul in Transit 4*



Lida Abdul, *Abdul in Transit 1*



Lida Abdul, *White House I*

Uma das obras mais impressionantes, *Time Love*, que foi exposta pela primeira vez no CAM, consiste numa instalação criada a partir de imagens adquiridas a um fotógrafo de rua de Cabul e nela o visitante é interpelado por 542 rostos de homens, mulheres e crianças, que exprimem, no olhar, a dureza de uma realidade inimaginável. Um texto gravado em voz *off*, escrito pela própria artista, remete para essa realidade com frases como: “Uma vez que olhaste para o rosto de um homem que durante décadas dormiu ao lado da morte”; “Uma vez que viste meninos-soldados de rostos aterrorizados e sujos, onde pó, lágrimas e fumo se misturam”; “Uma vez que os teus sonhos são povoados por rostos desconhecidos”; para acabar: “Então viver, morrer, sonhar ou amar, tudo é o mesmo/Então a nostalgia é um vinho cujo excesso acabará por te matar/Então, ao final do dia, o medo senta-se a teu lado/E com ele partilhas histórias do que viste/E imaginaste o que ainda resta para sentir.”

A mostra pode ser vista até **dia 30 de março** no Centro Calouste Gulbenkian, Boulevard de La Tour – Maubourg, 39, Paris. ■



## Cientista do IGC recebe financiamento europeu

© Roberto Keller

**L**ars Jansen, Investigador Principal no IGC, foi premiado com uma bolsa Consolidator no valor de **1,6 milhões de euros** do European Research Council (ERC). Este financiamento plurianual irá apoiar a investigação de Lars Jansen sobre os mecanismos que controlam a transmissão fidedigna de informação não genética da célula-mãe para as células-filhas. O trabalho procura elucidar, em parte, como estes processos têm impacto no desenvolvimento do cancro e na diferenciação de células estaminais.

Lars Jansen vê esta bolsa como “um fantástico reconhecimento do trabalho dos últimos cinco anos”, mas também como “um voto de confiança” na capacidade da equipa em fazer avanços importantes nos próximos cinco anos. O investigador diz que o financiamento vai permitir a manutenção de “um programa de investigação forte, em tempos difíceis para a ciência”. ■

## Bioinformática nas Escolas

**A** revista *PLOS Computational Biology* (de acesso livre) publicou um artigo científico sobre o programa Bioinformática nas Escolas, iniciado em 2007 no IGC. Destinado a alunos e professores do ensino secundário, o programa usa as novas tecnologias para uma maior aproximação às áreas de Bioinformática, Genómica e Biologia Molecular. Além da formação de professores, o programa promove projetos de investigação que podem ser desenvolvidos pelos alunos, de modo independente. Os coordenadores do programa, José Pereira Leal (responsável pelo serviço de Bioinformática do IGC) e Isabel Marques,

falam de resultados satisfatórios nas escolas que aderiram ao projeto: “os alunos gostam de participar e preferem esta abordagem aos métodos tradicionais de ensino”. Quanto aos professores, os coordenadores dizem que o programa “ajuda a ultrapassar a falta de aulas práticas laboratoriais”. Em 1988, o IGC foi pioneiro no país ao organizar o primeiro curso prático nesta área. Seguiram-se outros cursos e escolas de verão destinados à comunidade científica e, em 1999, iniciou-se The Gulbenkian Training Programme in Bioinformatics, que decorre anualmente. ■ <http://bioinformatica-na-escola.org/>

# As formigas obreiras e as rainhas

**N**um artigo na revista científica *eLife*, dois investigadores do IGC – Roberto A. Keller e Patrícia Beldade – publicaram a descoberta de que as formigas aumentam o tamanho dos seus segmentos torácicos de forma diferente de acordo com as funções que vão desempenhar em adultos. Numa colónia de formigas, as rainhas – grandes e com asas – colocam ovos e asseguram a reprodução da colónia, enquanto a alimentação e a manutenção da colónia ficam a cargo das formigas-obreiras, mais pequenas e sem asas. Até agora, pensava-se que o tamanho e a presença ou ausência de asas eram as únicas diferenças entre as rainhas e as obreiras. Os investigadores observaram que o segmento do tórax mais próximo da cabeça, na formiga-obreira, está muito dilatado e preenchido por fortes músculos do pescoço. Um pescoço forte, mas ainda assim flexí-

vel, permite às obreiras usar a cabeça para levantar objetos muito mais pesados que elas próprias. Por outro lado, as formigas-rainhas desenvolveram mais o segmento das asas, sendo o do pescoço mais reduzido e não apresentando músculos robustos.

Os investigadores descobriram que há diferenças no tórax de formigas-rainhas de diferentes espécies. As rainhas apresentam um pescoço mais ou menos desenvolvido consoante passam por uma fase em que, para alimentar a primeira geração de formigas-obreiras da nova colónia, têm de caçar como obreiras ou “dissolvem” e reabsorvem os músculos das asas para obter energia. Uma descoberta que pode, segundo os investigadores, “ajudar a explicar o extraordinário sucesso ecológico das formigas e as suas diversificações evolutivas, em comparação com outros insetos sociais.” ■

## O que é doce...

**O** processo que leva o homem, e outros animais, a preferir o açúcar aos adoçantes artificiais já tem uma explicação científica. Ana Domingos, investigadora principal do grupo de Obesidade do Instituto Gulbenkian de Ciência, juntamente com colegas, revelou que a preferência natural por sacarose sobre o adoçante artificial sucralose é controlada por um tipo de neurónios de uma região do cérebro chamada “hipotálamo lateral”.

Anteriormente, um colaborador de Ana Domingos tinha observado que ratinhos com uma mutação que os impedia de sentir sabores doces na língua continuavam a preferir a sacarose (açúcar natural) em relação à sucralose (adoçante artificial). Os adoçantes artificiais, ao contrário do açúcar, não têm qualquer valor nutricional e sabe-se que tanto os animais como o homem se sentem recompensados por ingerir alimentos com elevado valor calórico. Consumir açúcar causa, em algumas partes do cérebro, a libertação do neurotransmissor dopamina que assinala uma recompensa. Agora, esta equipa de cientistas estudou ratinhos normais e ratinhos geneticamente modificados que não tinham um tipo de neurónios do hipotálamo lateral. Os resultados que obtiveram permitiram-lhes concluir que os ratinhos sem estes neurónios preferem menos a sacarose e libertam menos dopamina do que os ratinhos normais, “sentindo-se” assim menos recompensados pelo açúcar natural. Para além disso, utilizando técnicas altamente sofisticadas e precisas,



estimularam os tais neurónios enquanto os ratinhos consumiam sucralose. Esta estimulação inverteu a preferência dos ratinhos pelo açúcar, passando assim a preferir o adoçante artificial.

Ana Domingos explica que estes resultados fornecem “novas pistas sobre a base biológica que está por trás da ansiedade pelo açúcar, mostrando que um tipo de neurónios do hipotálamo central é essencial para perceber o valor nutricional do açúcar”. “Dadas as implicações para a saúde do consumo excessivo de açúcar, estes dados podem, no futuro, contribuir para encontrar formas de tornar o açúcar menos desejável, ou para produzir adoçantes artificiais que se aproximem mais do açúcar”, conclui. Esta investigação foi publicada na revista científica de acesso livre *eLife*. ■



## Candidaturas a Programa de Doutoramento no IGC

**D**e 15 de fevereiro a 30 de março está aberto o concurso para o Programa IGC de Doutoramento em Biologia Integrativa e Biomedicina (IBB). Podem candidatar-se alunos com diferentes formações académicas, incluindo os de áreas fora das Ciências da Vida.

O IBB proporciona o contacto com um vasto leque de diferentes tópicos em ciências biológicas, que reflete a diversidade dos temas de investigação do IGC. Durante o primeiro semestre, os alunos frequentam cursos ministrados por investigadores do Instituto e professores de todo o mundo. No final desse semestre, os alunos têm várias semanas para desenvolver uma proposta de investigação para as suas teses e para encontrar no IGC um investigador que seja orientador dos seus trabalhos de doutoramento, a decorrer nos quatro anos seguintes. ■ [www.igc.gulbenkian.pt](http://www.igc.gulbenkian.pt)

## Profissionais de saúde dos PALOP em estágio

**A** 3.ª edição do programa de estágios de curta duração para profissionais de saúde dos PALOP e Timor-Leste, promovido pelo Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento, contará este ano com 18 médicos e enfermeiros de Cabo Verde, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe. O objetivo deste programa de estágios é a formação e atualização técnica destes profissionais em serviços públicos de saúde portugueses. A especialização em cuidados hospitalares é o traço comum entre os técnicos de saúde selecionados para os estágios, que vão decorrer sobretudo em hospitais e centros de saúde de Lisboa, Coimbra e Porto, com a duração máxima de três meses.

A atualização de conhecimentos, para dar resposta aos novos desafios de contexto epidemiológico e institucional dos PALOP e de Timor-Leste, e o contributo para a correção dos principais fatores de desmotivação dos profissionais de saúde foram algumas das razões que levaram a Fundação Calouste Gulbenkian a criar este programa de estágios, lançado em 2011. Nas duas edições anteriores foram apoiados 38 médicos e enfermeiros oriundos de Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste. ■

## Encontro DAFNE em Lisboa

**N**o final de janeiro teve lugar o encontro da Rede Europeia de Doadores e Fundações DAFNE (Donors and Foundations' Networks in Europe), a convite do Centro Português de Fundações. O papel das associações e fundações nacionais na promoção da filantropia, a partilha de dados sobre o mundo fundacional e as questões relativas às especificidades fiscais das fundações na Europa, foram alguns dos temas tratados na reunião realizada na Fundação Gulbenkian.

Além dos museus da Fundação, os participantes tiveram ainda a oportunidade de visitar vários locais culturais e turísticos em Lisboa. ■



## A presença islâmica em Portugal

A exposição *Arquiteturas – testemunhos islâmicos em Portugal*, realizada pelo Aga Khan Trust for Culture, em colaboração com o Museu Calouste Gulbenkian, recebeu 83 mil visitantes. Cerca de três dezenas de peças que testemunham o legado islâmico em Portugal, entre os séculos VIII e XIII, estiveram presentes na exposição no Castelo de São Jorge entre 6 de setembro, dia da atribuição do Prémio Aga Khan para a Arquitetura, e o dia 12 de janeiro deste ano. ■

## Colóquio/Letras sobre Almada Negreiros

O novo número da revista *Colóquio/Letras* associa-se às comemorações dos 120 anos do nascimento de Almada Negreiros. Gustavo Rubim escreve sobre a questão da língua em Almada, enquanto Carlos Paulo Martínez Pereiro parte de *A Engomadeira* para analisar uma “novela ímpar da modernidade”. Manuela Parreira da Silva escolhe o tema “a propósito de uma carta inédita de Raul Leal” sobre os painéis de S. Vicente; Sara Afonso Ferreira olha para a convivência de Almada com o casal Vieira da Silva-Arpad Szenes; e Sílvia Laureano Costa escreve sobre uma cena de teatro inédita. Por último, Fernando Cabral Martins assina um texto sobre um projeto cinematográfico de Almada. Na secção de ensaio, o poeta e diretor da revista, Nuno Júdice, detém-se na epistolografia de Antero, Carlos Felipe Moisés na poesia de Ricardo Reis e Manaíra Athayde na obra de Ruy Belo. Publicam-se poemas-colagens de Rui Pires Cabral e guaches de Nikias Skapinakis. ■



## Exposições do CAM e lojas com certificação de qualidade

No final de 2013, a Fundação concretizou a meta da extensão da certificação do sistema de gestão da qualidade às exposições do CAM e à venda de artigos e publicações nas lojas da Sede e do Museu.

Na auditoria realizada pelo organismo de certificação (SGS), foi também confirmada a continuidade das certificações obtidas em 2012, nomeadamente as relativas à vertente de gestão ambiental da Fundação, e à vertente de gestão da qualidade para as exposições do Museu e para os serviços da Biblioteca de Arte. No relatório da auditoria, a SGS destacou como pontos fortes da eficácia do sistema de gestão da qualidade, entre outros, “os elevados níveis de satisfação dos públicos e o valor residual de reclamações.” ■



Margarida Castro | 24 anos | Música\*

#### COMO SURTIU O INTERESSE PELO CONTRABAIXO?

Surgiu de um modo casual. Entrei para o Conservatório de Braga com seis anos de idade, justamente no ano em que a escola introduziu o estudo do contrabaixo. Uma professora fez uma demonstração a todos os alunos do primeiro ano e no final perguntou a todas as crianças, uma a uma, se queriam tocar contrabaixo. Eu, que estava inicialmente proposta para piano, não consegui dizer que não. As escolhas recaíam sobre os instrumentos mais conhecidos e eu preferia tocar algo diferente. Foi uma escolha espontânea, agora que olho para trás. Obviamente, não faltaram oportunidades para mudar de instrumento mais tarde, mas nunca senti vontade de o trocar por qualquer outro.

#### TEVE OPORTUNIDADE DE TOCAR NA GUSTAV MAHLER JUGENDORCHESTER. COMO É TOCAR COM UMA DAS ORQUESTRAS JUVENIS MAIS CONSAGRADAS?

Foi uma experiência incrível em todos os sentidos. É uma orquestra com um nível absolutamente fora de série, que trabalha com tutores, maestros e solistas de topo. Cada membro dá o seu melhor e está presente a 100 por cento, sempre com vontade de aprender mais e fazer ainda melhor. Cada concerto tem uma energia contagiante. É extremamente inspirador! É arrepiante pensar como é que

## “A Orquestra XXI é um projeto com imenso mérito”

uma orquestra composta por jovens de toda a Europa, com escolas e formas de tocar completamente diferentes, produz resultados tão uniformes e coesos. No final de cada tournée, sentia-me sempre mais motivada e apaixonada por aquilo que faço. Foi um privilégio tocar na GMJO.

#### O MESTRADO NO ROYAL COLLEGE OF MUSIC FOI IMPORTANTE PARA A SUA CARREIRA?

Escolhi um mestrado muito específico que o RCM oferece – performance orquestral –, o qual me permitiu dedicar parte do tempo a aprender e a aperfeiçoar repertório de orquestra com professores convidados da especialidade, reconhecidos no meio.

Para além disso, o RCM tem contactos e parcerias com algumas das mais importantes orquestras de Londres que abrem um número limitado de vagas para os chamados *student schemes*, uma espécie de academia que dá aos alunos a oportunidade de tocar em orquestras durante o ano letivo, sob orientação de um mentor. Sinto-me privilegiada por ter sido proposta a provas para estes *schemes* e por ter sido aceite em todos eles (English National Opera, BBC Symphony e London Symphony Orchestras). Foram-me dadas imensas oportunidades durante o meu período de estudo nesta escola e sinto que tentei aproveitar e absorver





Royal College of Music, Londres

ao máximo tudo o que me foi oferecido. Pude liderar o naipe de contrabaixos sob direção de maestros como Lorin Maazel e Bernard Haitink. Fui selecionada *Rising Star* e apresentei-me nas séries de recitais de música de câmara de elite do Royal College. Ofereceram-me tournées na China e nos Estados Unidos. Para além disso, quis aprender contrabaixo barroco e pude ganhar experiência e contactos na área da música antiga que agora me permitem colaborar com grupos profissionais como o London Handel Players.

**CONTE-NOS UM POUCO SOBRE O SEU PERCURSO EM LONDRES.**

Vim para Londres em 2007, inicialmente para a Guildhall School of Music, a convite do professor Tom Martin, que conheci numa masterclass no Porto, onde completei os dois primeiros anos do curso. Entretanto, segui o meu professor para o Royal College of Music onde terminei a licenciatura com distinção.

Nesse ano, recebi a bolsa de estudo da Fundação Gulbenkian, que me permitiu frequentar o mestrado em Performance. Entre outras coisas, aproveitei para me preparar para provas e concursos orquestrais, que resultaram em períodos de experiência com orquestras como a Philharmonia e a Royal Philharmonic Orchestra. Terminei o mestrado no passado mês de julho, também com distinção, e em agosto consegui um lugar à experiência para a vaga

de *coprincipal* na Royal Scottish National Orchestra. Para além disso, trabalho regularmente com a London Philharmonic, a Scottish Chamber Orchestra, a BBC Symphony Orchestra e a Britten Sinfonia.

Neste mês de fevereiro, tenho agendada uma tournée pela Ásia (Japão, Hong Kong e Seul) com a Scottish Chamber Orchestra, tendo como solista a pianista Maria João Pires.

**FAZ PARTE DA ORQUESTRA XXI. CONSIDERA QUE PROJETOS COMO ESTES FORTALECEM A CULTURA MUSICAL EM PORTUGAL?**

É um projeto com imenso mérito e não hesitei em aceitar o convite. Sempre achei que em Portugal faltava algo semelhante ao que existe em países como a Espanha ou a Holanda, onde há orquestras juvenis nacionais. Não é exatamente este o objetivo do projeto, mas existem semelhanças. Estas orquestras são compostas, em grande número, por estudantes no estrangeiro que regressam ao seu país com imenso orgulho por tocarem e mostrarem o que conseguem fazer juntos. Muitas vezes, já depois de terem feito todos os estágios das orquestras juvenis europeias e no final de períodos letivos muito cansativos, mas ainda assim arranjam tempo e vontade para fazer parte da orquestra juvenil do seu país. Acho extremamente enriquecedor para qualquer país e eu senti que todo o público acolheu o projeto da Orquestra XXI como grande entusiasmo durante a nossa digressão de estreia. ■

*\*Bolsa de estudo de aperfeiçoamento artístico em Contrabaixo, no Royal College of Music, em Londres.*



**em fevereiro**

Rui Chafes, *Was erschreckt Dich so?*, 2008-2009, ferro  
© Col. Würth, Alemanha

# Gulbenkian Música

## O regresso a casa

Imagem de *The House Taken Over*

**É** já no dia 15 deste mês que se dá o regresso da temporada Gulbenkian Música a um Grande Auditório completamente renovado e reabilitado.

Até lá, o Centro Cultural de Belém vai servir ainda de palco a dois concertos, o primeiro da **Orquestra Gulbenkian** com o jovem pianista andaluz **Javier Perianes**, dirigidos pelo diretor musical do Gran Teatro del Liceo de Barcelona, **Josep Pons**, com obras de Manuel de Falla e Maurice Ravel (**dias 6 e 7**). O segundo (**dia 9**) é protagonizado pelo barítono norte-americano **Thomas Hampson**, que, acompanhado pela **Amsterdam Sinfonietta**, interpreta um conjunto de orquestrações de emblemáticos *Lieder*. Presença habitual nos principais palcos de ópera do mundo, é também uma visita assídua da temporada Gulbenkian Música, na qual tem privilegiado o repertório de canções de que é também um exímio intérprete.

### REGRESSO AO GRANDE AUDITÓRIO

Após a festa de reabertura a realizar no **dia 15** com a atuação da **Orquestra Gulbenkian** reforçada com os participantes do **Estágio Gulbenkian para Orquestra**, sob a direção de **Joana Carneiro** (ver pág. 8 e 9), caberá ao **Orfeó Català & Cor de Cambra** retomar a temporada dentro de portas (**dia 16**), dando a ouvir o Requiem de Fauré dirigido pelo maestro catalão **Josep Vila I Casañas**. No dia seguinte, o **Quarteto Takács** interpreta obras de Mozart, Dvorak e Janacek.

A Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro finlandês **Jukka-Pekka Saraste**, com o pianista cubano **Jorge Luis**

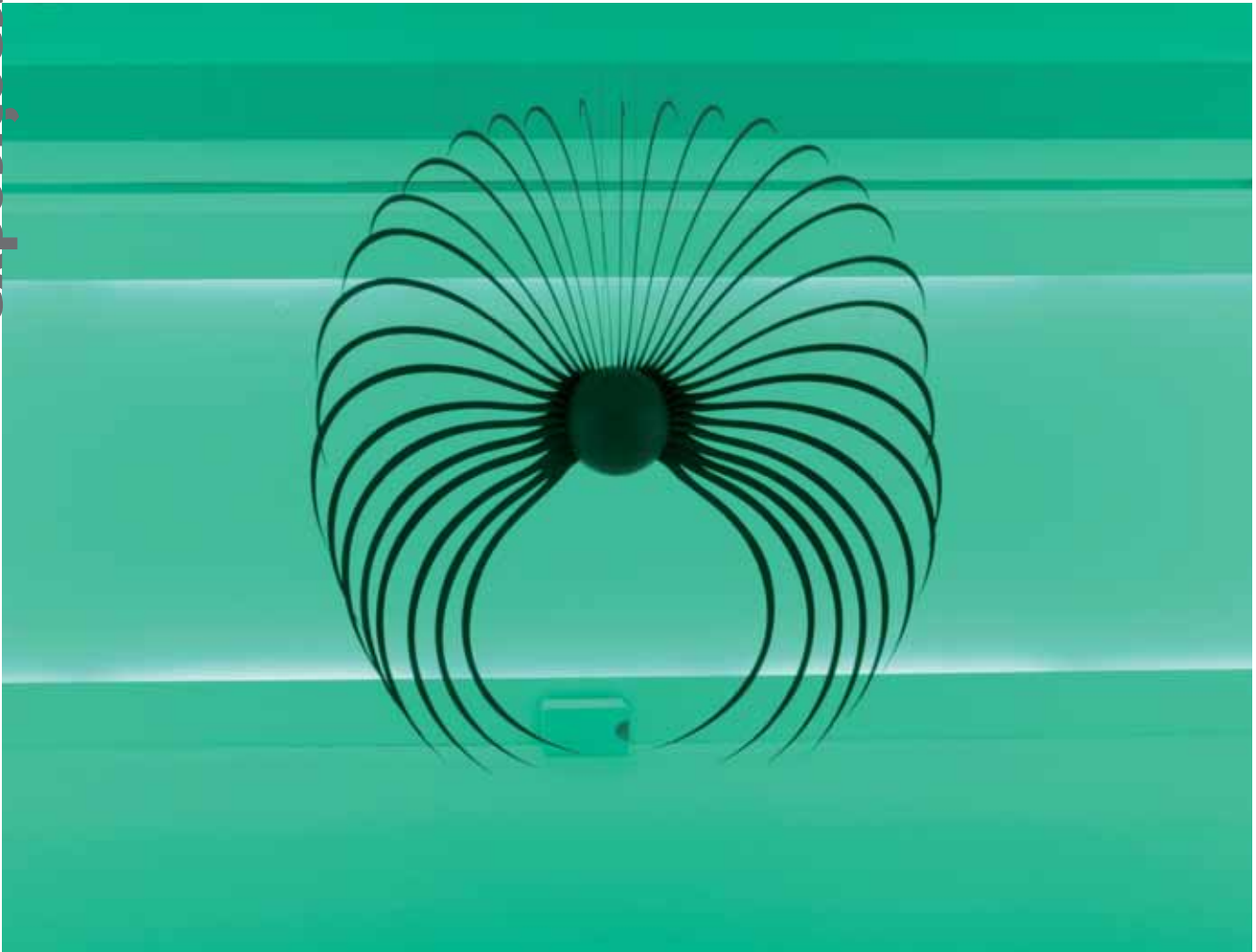
**Prats**, volta ao Grande Auditório (**dias 20 e 21**), para interpretar uma obra emblemática do repertório romântico: o 3.º Concerto para Piano e Orquestra de Rachmaninov.

Momento marcante desta temporada será a apresentação, no Teatro Maria Matos (**dias 21 e 22**), da obra ***The House Taken over***, com música de Vasco Mendonça a partir do conto “Casa Tomada”, de Julio Cortázar, com libreto da dramaturga britânica Sam Holcroft. A Fundação Gulbenkian integrou a rede de coprodutores desta peça estreada com grande sucesso, em julho passado, na última edição do Festival de Aix-en-Provence.

Incluído no ciclo Músicas do Mundo, segue-se ***Mediterraneo***, um espetáculo que sugere uma viagem musical de Portugal à Turquia, através das costas grega e italiana (**dia 23**). Às cordas barrocas do ***L'Arpeggiata*** juntam-se instrumentos árabes, a lira grega, a guitarra portuguesa e a voz de Mísia. Duas obras-primas da música antiga, ***Dido e Eneias***, de Henry Purcell, e ***Dixit Dominus***, de Handel, serão dadas a ouvir (**dia 24**) pelo agrupamento russo ***Musica Aeterna***, dirigido pelo maestro grego **Teodor Currentzis**.

O mês termina com a apresentação, em estreia mundial, de um Concerto para Clarinete e Orquestra de **Sérgio Azevedo**, uma encomenda da Gulbenkian Música ao compositor português, num programa que inclui ainda o poema sinfónico ***Paraísos Artificiais***, de Luís de Freitas Branco, obra inaugural do modernismo português (**dias 27 e 28**). ■

Mais informações em [www.musica.gulbenkian.pt](http://www.musica.gulbenkian.pt).



Rui Chafes, *Burning in the forbidden sea*, 2011, Ferro, 194 x 160 x 100 cm © Col. do Artista / *Filling Egg Shells*, 2011, Instalação sonora de Orla Barry

## Novas exposições no CAM

*Depois da mostra comemorativa do seu trigésimo aniversário, visitada por mais de 70 mil pessoas – Sob o Signo de Amadeo. Um Século de Arte –, o CAM inaugura, em simultâneo, três novas exposições neste início de 2014.*

*Duas antológicas – O Peso do Paraíso de **Rui Chafes** e Narrativa Interior de **João Tabarra** – vão mostrar vinte anos de produção de dois artistas nascidos no mesmo ano (1966) e cujos percursos marcaram a cena artística nacional.*

*Paralelamente será apresentada Preso por Fios, a primeira exposição em Portugal de **Nadia Kaabi-Linke**, artista nascida na Tunísia e radicada em Berlim, cujo trabalho, ancorado na sua realidade de cidadã estrangeira nascida num país em conflito, aborda temas como a emigração e a guerra.*

*As exposições podem ser vistas a partir do dia **13 de fevereiro** nas várias galerias do CAM e em alguns pontos do jardim.*

# O PESO DO PARAÍSO

Rui Chafes

**O** *Peso do Paraíso* é a primeira exposição antológica de Rui Chafes, um dos mais importantes artistas da sua geração, abrangendo duas décadas de produção artística. Figura de vulto do movimento de retorno à escultura, que se verificou em finais do século XX, apresenta nesta mostra mais de uma centena de esculturas em ferro que vão ocupar a nave central e algumas salas do CAM, estendendo-se também ao jardim da Fundação.

O jardim assume, aliás, uma grande importância nesta mostra, já que o mundo botânico constitui uma referência importante no trabalho do artista. Uma das quatro peças inéditas criadas especialmente para a exposição estabelecerá precisamente uma ligação entre o espaço interior e exterior do CAM.

Isabel Carlos, diretora do CAM e também curadora da exposição, salienta o “universo físico poderoso” criado por Rui Chafes a partir da pesquisa de conceitos como o sonho, a morte ou a dor. Agarradas à terra ou suspensas no ar, as suas esculturas, sobretudo as obras em rede de ferro, são frequentemente atravessadas pela luz, reforçando, de acordo com a curadora, uma das principais matrizes do seu trabalho: a transformação de um material pesado e bruto como o ferro em algo de frágil e orgânico.

A dimensão da escrita é outra matriz importante do trabalho de Rui Chafes que esta exposição dará a ver. “O que procuro no meu trabalho são formas que funcionem como caracteres de escrita. O ferro é sempre tornado negro ou cinzento para que se esconda como material”, sublinha. Esta dimensão é tanto mais importante quanto o artista também escreve e traduz (nomeadamente, os Fragmentos de Novalis) e tem vários livros publicados com referências ao romantismo alemão e à estética do sublime. Os desenhos que se incluem na exposição mostram, de um modo claro, esta proximidade à escrita, assim como os títulos das obras que abrem novos campos de leitura e interpretação para a escultura ou para o desenho.



Rui Chafes, *Durante o sono*, 2002 © Col. CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

Recusando uma estética de entretenimento, o artista afirma querer “resistir a um mundo digital, colorido, transparente, escorregadio”, tentando estabelecer “uma estratégia da lentidão contra uma estratégia da aceleração, uma estratégia do peso contra uma estratégia de leveza”.

Em termos formais, a obra de Rui Chafes é, refere Isabel Carlos, “herdeira do minimalismo”, apesar de ser trabalhada de um modo único e singular. “Nenhuma escultura de Chafes lembra mais nada do que uma escultura de Chafes”, sintetiza. A mostra inclui ainda duas obras do artista realizadas em colaboração com outros criadores: a artista irlandesa Orla Barry e o cineasta Pedro Costa. ■

## O Peso do Paraíso – Rui Chafes

Curadoria: Isabel Carlos

13 fev - 18 de maio

**CAM**



# NARRATIVA INTERIOR

João Tabarra

João Tabarra, *Promenades au Desastre, Plage II*, 2001

**A** exposição antológica que João Tabarra apresenta no CAM reúne trabalhos realizados ao longo dos últimos vinte anos, incluindo algumas obras especificamente concebidas para a exposição, em que o artista desenvolve uma investigação sobre o uso, o poder e as possibilidades históricas da imagem. Com curadoria de Sara Antónia Matos, a exposição não obedece a uma ordem cronológica, mas a uma disposição cinematográfica, constituindo uma reflexão crítica sobre o papel social do indivíduo no mundo atual.

A exposição começa no piso superior do CAM com *Portugueses na Europa* (1995), uma obra mordaz que retrata uma sociedade que emigrou para se desenvolver economicamente, o que não se verificou em termos culturais. Apesar de ser uma obra do início do percurso, nela está presente uma preocupação social e um comentário crítico que acompanha a produção do autor desde então.

Ao longo da exposição, e de diferentes modos, o artista vai colocando em causa a aparente facilidade do olhar, tal como é patente em *Ballada Del Suicidio, Working Class Angels. Para Pasolini* (2007), na qual o artista faz uma homenagem ao cineasta italiano, explorando a ideia de que a luz em excesso pode cegar. Recriando ambientes diferentes, as fotografias *Drama* (2006), *O Sono do Astrónomo* (2007) e *Dernier appel, flight 307B Depart. 17Z08//22.50* (2004) estão unidas pela força de um tempo lento, recuado, de maturação. Para João Tabarra, a investigação e a consistência que dela provém parecem implicar, logo à partida, um uso dilatado do tempo e uma revisitação dos grandes mestres.

A galeria inferior do CAM é dedicada maioritariamente às *fadas*, a personagem paradigmática, enigmática e andrógina

na que povoa o universo do artista. Materializada em fotografia, ao longo de dez anos, esta história traz consigo um misto de fantasia e terror, típico do lado negro que acompanha os contos de fadas. A fada que, no início, surge como uma espécie de protetora e guia espiritual, é a mesma que no final assassina o artista que a criou.

Este conjunto de obras convive com *Paisagem Interior, ensaio cartográfico para uma narrativa*, realizada em 2013 especificamente para esta exposição, e que assume uma linguagem ímpar no contexto da sua produção. Composta por 108 imagens, que formam sobre a parede da galeria um mosaico com cerca de seis metros de extensão e três de altura, consiste no registo minucioso de um bonsai. Com uma linguagem poética, a obra fala sobre o tempo lento e doloroso do crescimento: do bonsai, do artista e da produção da arte.

A disposição das obras no piso inferior do CAM também se estende quase simetricamente pela galeria, permitindo ao espectador acompanhar a coleção de vídeos produzidos pelo autor ao longo dos anos.

O catálogo da exposição, concebido pelo artista como uma peça complementar, inclui imagens de todas as obras expostas e os ensaios da curadora, Sara Antónia Matos, e de Agnes Kohlmeyer, que permitem, pela primeira, vez ter uma visão abrangente e aprofundada da obra de João Tabarra. ■

## Narrativa Interior – João Tabarra

Curadoria: Sara Antónia Matos

13 fev - 18 de maio

**CAM**



# PRESO POR FIOS

## Nadia Kaabi-Linke

Nadia Kaabi-Linke, *Smooth Criminal*, 2012 © Vipul Sangoi

**A**ssumindo-se como uma arqueóloga do tempo presente, Nadia Kaabi-Linke, filha de pai tunisino e de mãe ucraniana, e a residir em Berlim, parte da sua condição de artista entre dois mundos para criar uma obra inquietante e questionadora. Nesta sua primeira exposição em Portugal, intitulada *Preso por Fios*, com curadoria de Isabel Carlos, apresenta obras recentes mas também uma criação inédita de 2014.

Nadia pertence a uma geração de criadores oriunda de lugares onde a criação contemporânea é difícil ou mesmo impossível, e que optou por viver e criar noutros países, sem, no entanto, esquecer a sua origem. Partindo de contextos históricos específicos, a artista coleciona pedaços de realidade, rastros de acontecimentos, que intervenciona e desloca do contexto, de modo a despertar outros significados. “Descrevo o meu trabalho como uma arqueologia da vida contemporânea”, sintetiza.

Na peça *No* (2012) Nadia parte da sua experiência de artista tunisina que passou por um rigoroso escrutínio para obter um visto para o Reino Unido, onde tinha sido convidada a dar uma palestra. Nesta obra, a artista desloca o processo de interrogação policial do serviço de estrangeiros e fronteiras para uma situação de liturgia religiosa: uma igreja anglicana cheia de tunisinos a dizerem a palavra “não” numa litania mecânica em resposta às palavras que saem de uma boca sem rosto que profere o formulário do pedido de vistos.

Em *Smooth Criminal* (2012) numa inócua armadilha para peixes com uma vedação em forma de Estrela de David, recolhida numa praia na região do Golfo, a artista diz ter encontrado “uma metáfora da memória do Holocausto e da retórica ritualista do governo israelita”, que “parece aproveitar-se da vitimização do povo de Israel para esconder os

crimes do seu próprio estado contra a humanidade”. A questão que coloca é saber “quem ficou preso (nesta armadilha) por estas políticas? Os estados árabes ou o próprio estado de Israel?”

*Tunisian Americans* (2012) é um trabalho contra a guerra que remete para a Campanha da Tunísia (na altura protetorado francês), ocorrida em 1942-43, composto por quatrocentos frascos contendo terra retirada do solo onde os soldados morreram, e que replicam a ordem das suas sepulturas. “Não é um fantasma ou uma alma que estão presos na garrafa, mas um punhado de terra, como símbolo do corpo do soldado morto, porque aparentemente é assim que os governos veem o soldado: não mais do que um corpo”, diz Nadia. Já a obra *Sniper* (2014), será mostrada pela primeira vez no CAM. Focada num edifício berlinense que ostenta marcas de combates da Segunda Guerra Mundial, alude a um capítulo da história de Berlim mas também sugere a história mais recente do seu país de origem. “No dia em que o ex-presidente Ben Ali abandonou o país, houve uma escalada de combates de rua entre as forças policiais e civis. Vários *snipers* começaram a atirar sobre pessoas a partir dos telhados de edifícios. Foram atingidos civis – até mesmo crianças foram alvejadas e mortas (...) Na sequência dos protestos, o governo interino e também, posteriormente, o governo eleito, negaram sempre a presença destes *snipers*. Este ato criou um vazio de justiça e culpa, que o povo tunisino encheu com a sua mágoa e frustração.” ■

### Preso por Fios – Nadia Kaabi-Linke

Curadoria: Isabel Carlos

13 fev - 25 maio

**CAM**



Conjunto de escrita, Istambul, 1660-1670

# Museu Gulbenkian acolhe tesouros do Kremlin

**U**ma amostra da sumptuosa coleção do Kremlin de Moscovo pode ser vista a partir do dia 28 de fevereiro, na Sala de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian, no âmbito da exposição *Os Czares e o Oriente*. É a primeira vez que o acervo oriental desta coleção, constituída fundamentalmente pelas luxuosas ofertas aos czares provenientes do Irão safávida e da Turquia otomana dos séculos XVI e XVII é mostrado na Europa, fora dos Museus do Kremlin. Este acervo, único entre as coleções museológicas do mundo, inclui tecidos, armas, arreios de cavalo e joias, ou seja, objetos que durante muito tempo foram essenciais na vida quotidiana da corte russa, usados como adornos nos atos oficiais dos czares, nas campanhas militares e nas cerimónias religiosas nas igrejas do Kremlin. A exposição apresenta uma preciosa seleção de 66 peças provenientes essencialmente do Irão, Turquia e Rússia, criadas nas oficinas das cortes desses países. Preservadas nos Museus do Kremlin de Moscovo durante muitos séculos, estas criações dos mestres orientais representam um testemunho das relações económicas, políticas e diplomáticas entre a Rússia e os seus vizinhos orientais.

Anteriormente apresentada na Arthur M. Sackler Gallery da Smithsonian Institution, em Washington, a mostra desenvolve-se em torno de quatro núcleos temáticos: **A Horda de Ouro, O Irão no período safávida, A Turquia otomana e A Rússia dos czares.**

## **A HORDA DE OURO**

As peças mais antigas desta mostra relacionam-se com a arte da Horda de Ouro, uma parte do imenso Estado que surgiu entre os séculos XII e XV, e que resultou da conquista mongol que subjugou muitos principados russos. Esta arte assimilou as tradições da cultura mongol, assim como muitos elementos da cultura dos povos que habitavam os seus vastos territórios – búlgaros do Volga, cumanos, eslavos, persas e gregos.

## **O IRÃO NO PERÍODO SAFÁVIDA**

A maior parte das peças provenientes do Irão dos séculos XVI-XVII chegou à Rússia pela mão dos diplomatas. Pensa-se que as relações entre estes dois países terão começado na segunda metade do século XV. Serão mostradas peças





Caneca. Presente do patriarca de Constantinopla, Cirilo I Lucaris, ao czar Mikhail Fiodorovitch, em 1632. Istambul, primeiro terço do século XVII

significativas (armas, arreios para cavalos e tecidos decorativos) oferecidas no âmbito de missões diplomáticas.

### **A TURQUIA OTOMANA**

Os documentos russos dos séculos XVI-XVII contêm informações sobre o avultado número de embaixadores e comerciantes turcos que visitavam a corte do czar, bem como os representantes dos patriarcados e episcopados ortodoxos. Os comerciantes turcos aproveitavam qualquer oportunidade para levar os seus produtos à Rússia, usando as embaixadas dos representantes ortodoxos.

### **A RÚSSIA DOS CZARES**

Os objetos oriundos do Irão e da Turquia tornaram-se essenciais na corte moscovita e tiveram um impacto relevante na atividade das oficinas do Kremlin. Muitas destas peças, como por exemplo os tecidos preciosos, eram reutilizadas pelos mestres do Kremlin na confecção de paramentos, capas e selas de cavalo. Por vezes, estes objetos orientais serviam de inspiração aos mestres moscovitas na produção de obras de arte.

A exposição pode ser visitada até ao dia 18 de maio. ■



Escudo do príncipe Fiodor Ivanovitch Mstislavskiy, Irão, século XVI



Insignia peitoral, Istambul, segunda metade do século XVII

### **Os Czares e o Oriente. Ofertas da Turquia e do Irão ao Kremlin de Moscovo**

Comissariado científico: Inna Vishnevskaya, Olga Melnikova, Elena Yablonskaya  
28 fev - 18 de maio

**MUSEU GULBENKIAN**

**SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS**



Manifestações no Brasil, 2013

## Novos Poderes

**D**iscutir experiências históricas e atuais que contribuam para a inventariação de diferentes tipos de relações de poder é o objetivo do novo ciclo de encontros Novos Poderes, que arranca na Fundação Gulbenkian em fevereiro e que vai animar a 4.<sup>a</sup> edição do Observatório de África, América Latina e Caraíbas. O programa deste ciclo, inserido nas atividades do Próximo Futuro, atravessa tanto os domínios da arte e da cultura como da política e da economia, convocando acontecimentos políticos, movimentos estéticos e debates teóricos.

O primeiro debate realiza-se já no dia 8 e é dedicado aos recentes protestos em Maputo e no Rio de Janeiro. Nesta sessão, pretende-se compreender *A Economia dos Movimentos Sociais Urbanos*, com a intervenção de Giuseppe Cocco, professor de Teoria Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coautor, com Antonio Negri, de *Global: biopoder e lutas em uma América Latina globalizada* (2005). Sobre os novos protagonistas da cena política moçambicana falará Paulo Granjo, antropólogo e investigador do Instituto de Ciências Sociais (ICS). José Nuno Matos, também do ICS, faz o comentário.

A 1 de março, este ciclo volta ao Auditório 3 da Fundação com o tema *A Arte do Comum e a Produção da Cultura*. Esta sessão terá como convidada Rosalind Gray, investigadora do Goldsmiths College (Universidade de Londres), que trabalha sobre teoria anticolonial e pós-colonial, sobre o cinema revolucionário e as suas redes globais. Maria-Benedita Basto, da Universidade de Paris IV e autora do livro *A Guerra das Escritas. Literatura, Nação e Teoria Pós-Colonial em Moçambique* (2006), será também oradora nesta sessão, com comentário do historiador Luís Trindade.

O ciclo Novos Poderes é uma coorganização do Próximo Futuro e da Unipop (Diogo Duarte, Inês Galvão e José Neves), associação cultural que promove o pensamento crítico através de cursos livres, debates e oficinas. ■

[www.proximofuturo.gulbenkian.pt/observatorio](http://www.proximofuturo.gulbenkian.pt/observatorio)

### Novos Poderes

Observatório de África, América Latina e Caraíbas

#### 8 fevereiro

A ECONOMIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS  
Protesto e Revolta em Maputo e no Rio de Janeiro de Hoje

#### 1 março

A ARTE DO COMUM E A PRODUÇÃO DA CULTURA  
O Anticolonialismo, da Imagem Militante à Guerra das Escritas

#### 29 março

UMA HISTÓRIA DE PROTESTO POPULAR E LUTA ANTICOLONIAL  
Política em Portugal e no Império Português do Século XIX ao 25 de Abril

#### 26 abril

DA TEORIA DA DEPENDÊNCIA AO DIREITO DE FUGA  
A Circulação das Mercadorias e das Pessoas no Mundo

#### 24 maio

A SOCIEDADE CONTRA O ESTADO E O CUIDADO DE SI  
Emancipação, Perspetivismo Ameríndio e Pós-Colonialismo

# Harvard na Gulbenkian

## Cinema num Tom Menor

Os realizadores Manuel Mozos, Martín Rejtman e Denis Côté são os convidados deste mês no **Harvard na Gulbenkian**, no quinto fim de semana de filmes e debates do ciclo que começou em novembro do ano passado, com curadoria de Haden Guest e Joaquim Sapinho.

O ciclo que põe em diálogo cineastas portugueses e estrangeiros, centra-se agora na cinematografia de **Manuel Mozos**. O realizador lisboeta vem apresentar *Xavier*, filme que começou em 1991, mas que apenas saiu a público em 2003, ano em que lhe é atribuída uma Menção Especial do Júri, no Festival de Cinema Entrevues Belfort. Esta projeção será a única de sexta-feira, dia 14, e abre o caminho para as restantes sessões do fim de semana.

Os outros dois realizadores, que vão mostrar os seus filmes na Sala Polivalente do CAM, são Martín Rejtman e Denis Côté. **Rejtman**, de nacionalidade argentina, reparte a sua atividade entre o cinema e a escrita – publicou *Treinta y Cuatro Historias – Un libro sobre Kuitca* (colaboração com o artista argentino Guillermo Kuitca) e *Velcro y Yo*. No cinema, as suas realizações começam nos anos 80, dividindo-se entre documentários, curtas e longas-metragens. Ao mesmo tempo, continua a estudar cinema em Nova Iorque e trabalha em montagem na Cinecittà. Os dois filmes programados para este fim de semana intitulam-se *Silvia Prieto* e *Entrenamiento Elemental para Actores*.

O minimalismo narrativo, o rigor formal e o interesse por personagens de alguma forma deslocadas são algumas das características que definem o trabalho de **Denis Côté**. Poderoso e subversivo na sua subtileza, o cinema do realizador canadiano tem presença assegurada em alguns dos



Martín Rejtman, *Entrenamiento Elemental para Actores*



Denis Côté, *Curling*

mais importantes festivais internacionais. *Les états nordiques*, *Elle veut le chaos*, *Curling* (em exibição no sábado, dia 15), granjearam-lhe prémios no Festival Internacional de Locarno, enquanto o seu mais recente filme, *Vic + Flo ont vu un ours*, foi distinguido com o Prémio Alfred Bauer no Festival Internacional de Cinema de Berlim de 2013. *Bestiaire* e a curta-metragem *Toys*, são os outros dois filmes que vão estar em exibição no **Harvard na Gulbenkian**. ■

### Cinema Num Tom Menor

Convidados: Manuel Mozos, Martín Rejtman, Denis Côté

#### Sexta | 14 fevereiro

18h15 *Xavier* (100'), Manuel Mozos

#### Sábado | 15 fevereiro

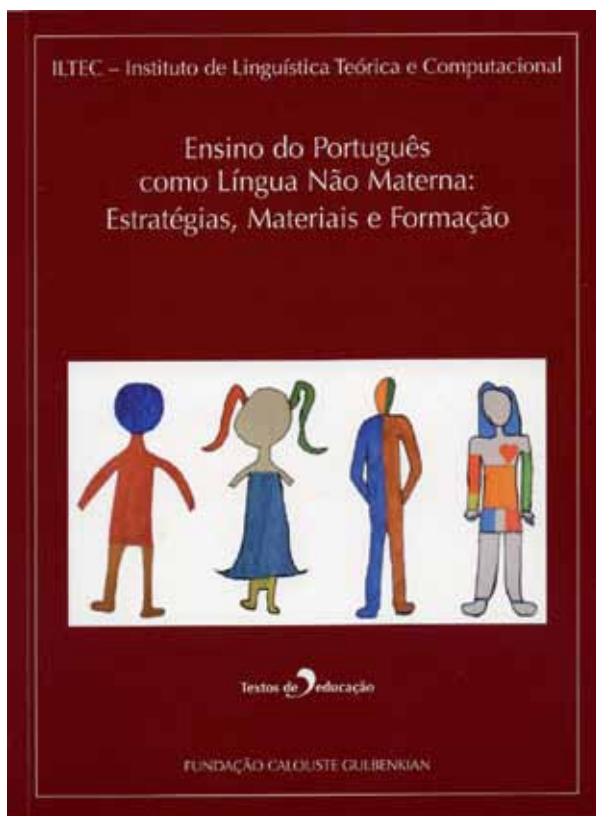
15h *Curling* (96'), de Denis Côté

18h15 *Silvia Prieto* (92'), de Martín Rejtman

#### Domingo | 16 fevereiro

15h *Entrenamiento Elemental para Actores* (62'), de Martín Rejtman

17h30 *Toys* (8'), *Bestiaire* (72'), de Denis Côté



## O português que não se fala em casa

**A** diversidade linguística é hoje uma realidade nas escolas portuguesas, numa variedade que vai do russo ao mandarim, passando pelo crioulo ou pelas línguas eslavas. Este livro foi escrito a pensar no ensino da língua portuguesa para alunos que não têm o português como língua materna, no sentido de facilitar a sua aprendizagem. Além disso, é o resultado de um projeto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, através do antigo Serviço de Educação, dedicado a criar estratégias e materiais destinados ao ensino-aprendizagem de Português para estudantes de diferentes línguas maternas.

O projeto do Instituto de Linguística Teórica e Computacional (Iltec), coordenado por Maria Helena Mira Mateus e Luísa Solla, implicou um trabalho com escolas e professores e envolveu uma equipa muito alargada de investigadores e colaboradores, desde os autores dos materiais didáticos apresentados até aos responsáveis pelo inquérito realizado em Lisboa, Setúbal e Algarve.

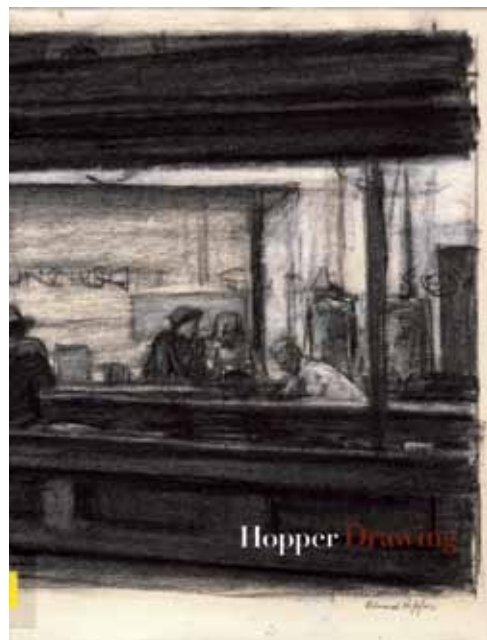
Esta obra pretende dar um contributo para o sucesso escolar e social dos alunos que não dominam a língua portuguesa, aplicando o conhecimento dos professores e os materiais e estratégias que o próprio livro fornece. Na introdução, as coordenadoras afirmam também que “a interação entre línguas e culturas diferentes, presente de forma explícita em muitas circunstâncias nas estratégias e nos materiais criados, constitui uma contribuição válida para a formação, nos alunos, do espírito de cidadania, de solidariedade e de tolerância”.

Organizado em três partes, o livro apresenta orientações gerais e muitos exemplos práticos quanto ao ensino da língua. Na primeira parte, mostram-se as propostas de trabalho já postas em prática nas escolas, bem como os instrumentos usados. Há ainda resultados e avaliações que decorrem da experiência feita nos três agrupamentos-escola que serviram de base ao projeto-piloto. Enquanto a segunda parte mostra os resultados do inquérito realizado, a terceira disponibiliza um conjunto de textos de autores diversos, em que os professores podem encontrar atualizações científicas e pedagógicas sobre o ensino eficaz de uma língua não materna. O livro traz ainda um CD com materiais dos professores e resultados do trabalho dos alunos. ■

# Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

**E**m 1967, logo após a morte de Edward Hopper (1882-1967), a viúva ofereceu o espólio do pintor ao Whitney Museum of American Art (Nova Iorque). Neste espólio incluíam-se cerca de 2500 desenhos e esboços que, até agora, só muito raramente foram expostos e objeto de um estudo mais aprofundado. É precisamente este conjunto que está na origem da exposição *Hopper drawing*, inaugurada no Whitney Museum em março de 2013, mostrada no Dallas Museum of Art até 16 de fevereiro e que poderá ver visitada, entre 15 de março e 22 de junho, no Walker Art Center de Mineápolis. Com a responsabilidade curatorial de Carter E. Foster – que também é o responsável pelo catálogo –, esta exposição de cerca de 200 desenhos e esboços do espólio evidencia uma parte menos visível do processo criativo de Hopper, revelando a sua atenção a aspetos e pormenores do quotidiano.

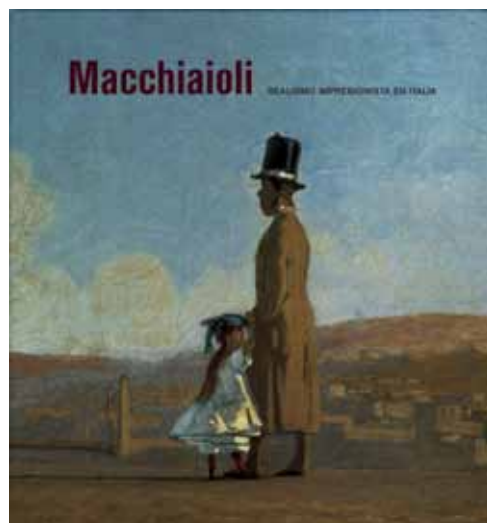
Estes desenhos constituem-se, por isso, fundamentais para a compreensão da obra pictórica do pintor, sendo que muitos deles foram a base de estudo e de preparação das suas pinturas mais conhecidas. O catálogo, produzido pelo Whitney Museum e distribuído pela Yale University Press, tem a colaboração de Daniel S. Palmer, Nicholas Robbins, Kimia Shahi e Mark W. Turner, que, com o curador, assinam oito ensaios; às reproduções dos desenhos juntam-se outras, de algumas das telas de Hopper, como *Nighthawks* (1942) ou *Office at night* (1940). O catálogo apresenta também uma nota biográfica, uma bibliografia selecionada, a lista das obras expostas e ainda a reprodução de um depoimento de 1946, de Lloyd Goodrich (1897-1987), crítico, historiador de arte, diretor do Whitney Museum e grande admirador da obra de Edward Hopper. ■



**N**o passado dia 5 de janeiro, encerrou na Fundación Mapfre (Madrid) a primeira exposição realizada em Espanha dedicada exclusivamente aos Macchiaioli, designação por que ficou conhecido um grupo de jovens pintores italianos, originários da cidade de Florença. Em meados do século XIX, os Macchiaioli (termo derivado da palavra *macchia*, mancha) quiseram romper com os ensinamentos artísticos de uma prática pictórica dominada pelo academismo e pelo romantismo histórico, saindo do ateliê e preferindo o ar livre para realizar as suas pinturas.

Esta exposição, que nasceu de um projeto conjunto da instituição espanhola com os museus franceses d'Orsay e de L'Orangerie (Paris), reuniu cerca de 100 pinturas dos mais representativos pintores do movimento, como Giovanni Fattori, Silvestre Lega, Telemaco Signorini, Giuseppe Abbati, Giovanni Boldini (representado na coleção do Museu Gulbenkian) e Odoardo Borrani. As obras pertencem a coleções particulares e a coleções de diversos museus italianos, como a Galleria d'Arte Moderna do Palazzo Pitti (Florença) e a Galleria Nazionale d'Arte Moderna de Roma, entre outros.

A mostra de Madrid contou ainda com um pequeno conjunto de telas do pintor espanhol Mariano Fortuny, contemporâneo dos Macchiaioli e que com eles partilhou algumas opções estéticas. Finda a exposição, fica o catálogo que a acompanhou e que, de certo modo, a perpetua no tempo. Profusamente ilustrado quer com a reprodução das obras expostas, quer com fotografias da época, este catálogo contém nove textos onde outros tantos autores analisam e contextualizam criticamente este movimento artístico, uma cronologia, uma seleção de correspondência de alguns dos pintores, assim como as suas biografias, uma bibliografia selecionada e um índice de artistas/obras expostas. ■



## Museu Calouste Gulbenkian

# Capa de cavalo

O conjunto de sedas *kemha* e veludos *çatma* da Turquia otomana (séculos XVI e XVII), reunidos por Calouste Gulbenkian, pode ser considerado um dos mais importantes núcleos de têxteis islâmicos adquiridos pelo Colecionador. Com decoração constituída essencialmente por motivos vegetalistas e /ou geométricos, onde predomina a cor vermelha associada muitas vezes ao ouro e à prata, as sedas e os veludos da Coleção provêm dos dois principais centros de produção e comércio do império otomano – Bursa e Istambul.

De enorme peso na economia do império, pois representavam cerca de metade do valor das transações efetuadas, estes têxteis sumptuosos serviram, naturalmente, como oferta no contexto das relações diplomáticas e comerciais. Objetos de luxo, tiveram posição destacada nas relações comerciais com a Europa, nomeadamente com a Itália, mas não menos importantes foram, desde os finais do século XV e ao longo dos séculos XVI e XVII, as exportações para a Rússia.

Os comerciantes turcos aproveitavam qualquer oportunidade para levar as suas mercadorias à Rússia, marcando mesmo muitas vezes presença nas embaixadas dos representantes ortodoxos.

Na decoração de palácios e ambientes da corte moscovita, tal como em trajes civis de aparato, nos ricos paramentos litúrgicos e até na confeção de selas e capas para cavalo, eram frequentemente utilizados tecidos preciosos de proveniência oriental, trabalhados por alfaiates e bordadores russos, muitas vezes das próprias oficinas do Kremlin.

Destas reutilizações é exemplo a capa para cavalo de seda vermelha espolinada a seda e prata dourada, com repuxados

também de prata dourada de origem otomana, que, segundo o historiador Walter Denny, teria sido confeccionada e bordada na Rússia, à maneira turca. A decoração, de grandes flores (túlipas) com folhas, cravos e outros motivos vegetalistas insere-se na habitual gramática decorativa otomana. Composta por vários fragmentos de tecido, cosidos de modo a criar o presente formato, destacam-se nesta capa três partes, de maior dimensão, que corresponderão às costas e frentes de um *kaftan*, correspondendo os fragmentos mais pequenos ao tecido das mangas daquele traje turco.

O aproveitamento de tecidos turcos na corte de Moscovo era fenómeno comum, motivado em primeiro lugar, pelo alto custo dos têxteis importados, mas também pelo desejo de prolongar a vida dos exemplares artisticamente mais valiosos.

A exposição *Os czares e o Oriente. Ofertas da Turquia e do Irão no Kremlin de Moscovo*, temporariamente apresentada na sala de exposições do Museu, integra peças que, tal como a presente capa da coleção Gulbenkian, foram confeccionadas na Rússia com tecidos oriundos da Turquia otomana. ■

**Maria Fernanda Passos Leite**

### Capa de cavalo

Seda: Turquia, séc.XVII

Confeção e bordado: Rússia (?), séc.XVII

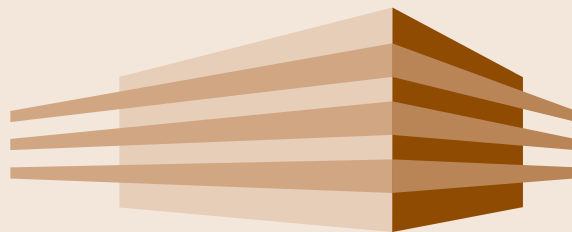
Seda, fios de prata dourada

142 x 180 cm

Adquirida em Munique em 1931

Museu Calouste Gulbenkian, Inv.2078





# PRÉMIO CALOUSTE GULBENKIAN PRIZE

O Prémio Calouste Gulbenkian, no valor de 250 mil euros, distingue personalidades ou instituições, portuguesas ou estrangeiras, que se tenham destacado na defesa dos valores essenciais da condição humana.

As nomeações de candidaturas devem ser apresentadas até ao dia **15 de maio**, exclusivamente através do site [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt)